ORDO ROMANUS

Em Defesa da Tradição

Davi Monteiro Simões

ORDO ROMANUS Em Defesa da Tradição Davi Monteiro Simões

ORDO ROMANUS

Em Defesa da Tradição

Copyright© 2026 Davi Monteiro Simões
Título Original: Ordo Romanus: Em Defesa da Tradição

À Nossa Senhora das Dores e São Francisco das Chagas.

"Eu não sei se existe sob o sol algo de mais vil e de mais desprezível do que o gênero humano fora das veredas católicas." (Donoso Cortés)

"Tudo o que não é estritamente, exclusivamente, desesperadamente católico, deve ser atirado às latrinas."
(Léon Bloy)

"Somente a Igreja Católica pode salvar o homem da destrutiva e humilhante escravidão de ser filho de seu tempo." (G. K. Chesterton)

Index

Apresentação.....9
A Igreja, os Templários e a Guerra.....23
A Questão Hispânica.....31
A Estética da Morte.....39
O Ser e Deus.....47
A Educação não é um Direito, mas um Dever.....51
O Primado Petrino.....61
Incoerências de quem "Reconhece e Resiste".....71
O Mínimo sobre a Política Católica.....79
Crítica ao Estado Laico.....85
As 3 Formas de Estados Fascistas.....99
Apologia da Castidade.....103
Pequena Regra de Vida.....111
Oração Diante do Crucifixo (Para a Sexta-feira Santa).....129

Apresentação

"Como um ator desastrado, procuro uma cadeira de espectador." (Nicolás Gomez Dávila)

Logo em seguida da minha conversão ao catolicismo, em julho de 2013, inicio um afastamento progressivo do mundo. Primeiro constatei uma insuportável repulsa ao ligar a televisão, o simples barulho me irritava. Sentia-me excessivamente passivo (aos estímulos sensíveis e técnicas retóricas de manipulação) e enganado ao assistir aquilo, entendi que estavam tentando me impor ideias arquitetadas desde as profundezas do inferno.

Algumas pautas e discursos tem obtido êxito em atropelar o raciocínio lógico, com argumentações ricas em apelos sentimentais e malabarismos mentais refinados que atingem a região mais instintiva do ser humano. Chavões, motes e rótulos calam qualquer opositor; quem permaneceu cultivando seus tão estimados e civilizacionais preconceitos, não os divulga abertamente.

Todos percebemos que determinadas demandas têm sido impostas de cima para baixo pela cultura, sem apoio popular, não importando o quanto tentemos resistir;

Mário Ferreira dos Santos chamou isso de "invasão vertical dos bárbaros". Ao conversar com uma pessoa simples e sem instrução na rua, vê-se que ela tem mais senso da realidade objetiva do que um diplomado ou um ávido leitor (embora o fechamento das livrarias certifique que esse espécime está em extinção. Não somente pela falta de interesse, pois o brasileiro odeia ler, mas também pelo analfabetismo funcional, a maioria não interpreta ou retém na memória o que leu).

Antes de se expressar, o cidadão médio precisa sondar o ambiente e conhecer intimamente o interlocutor, uma vez que a lista de tabus é enorme e, paradoxalmente, neste mundo em que todos se ufanam de serem livres, encontramos apenas amordaçados e escravos dos apetites desenfreados.

Segundo, e mais recentemente, acordei para a inutilidade das redes sociais. Passei a me questionar qual a função de um *Instagram*, por exemplo, que não seja a mera exposição (nossas derrotas e conquistas devem ficar ocultas, assim não demonstramos nossas fraquezas e ninguém estragará nossas alegrias), uma irresistível necessidade de comparação e desejo inconfessável de despertar a inveja alheia. Uma "curtida" de alguém não a torna automaticamente bacana; pode acariciar o ego, mas aqueles não são os amigos de verdade (alguns são inimigos disfarçados).

Banalmente traem-se os próprios cônjuges por quem nunca viram pessoalmente, seduzidos(as) por

uma foto com filtros e edições ou pelo número de "seguidores" (escrever esse léxico oriundo do ambiente virtual me causa profunda ojeriza). Vaidade, ganância e ostentação; cobiça, ciúmes e inveja; falta de modéstia e traições; fofocas, calúnias, difamações, polêmicas, escândalos e graves injustiças cometidas pela ânsia de falar (ou digitar). Isto era o que eu via e ouvia, mesmo tentando ser seletivo.

Não é diferente com o *YouTube*, embora seja possível aprender com documentários e palestras, ao lermos os comentários nos vídeos são daqueles que quanto menos entendem de algo, mais precipitadamente dão pareceres sem embasamento, repetindo o puro senso comum e conceitos que eles seriam incapazes de definir, entre arroubos de fúria com ares de absoluta certeza. Mesmo tentando ofender sem perder a caridade cristã, infelizmente cheguei a participar dessa guerra de egos, a ponto de comentar em muitos vídeos e "*shorts*" imbecis, e quanto mais imbecis são, mais aglomeram gente, principalmente se contém erotismo.

Ninguém converte o outro com um comentário em uma rede social (caso isso ocorresse, seria uma conversão duvidosa); quem se satisfizesse com tão pouco, podendo, no mínimo, investigar abrindo uma janela no *Google*, já nem mereceria crédito. Uma parte das perguntas feitas nesses debates é retórica, ninguém quer ser convencido, escolheram no que acreditar; a outra parte é preguiça mental, acham

que, sem esforço, podem obter uma resposta rápida em poucas linhas.

Tento ver o melhor nas pessoas, todos possuímos nossas limitações e tendemos ao equívoco, mas, na mesma proporção em que se equivocam, esses sujeitos são arrogantes, como se o nível de convicção referendasse a veracidade do discurso.

Sofre menos quem, estrategicamente, empobrece o próprio vocabulário, finge interesse pelo que execra e aparenta loucura para passar despercebido. Qualquer marca de distinção é ameaçadora e pode (sem exagero algum) custar a vida. Não há mais um único justo sobre a Terra, e quem quiser permanecer são deverá evitar o trato com os outros ou ser incompreendido. Qualquer lugar onde se reúnem pessoas tem se tornado tóxico, perigoso e violento. Na *Internet* o agravante é não assumirem a identidade, quando não assumem várias. Querendo me distanciar deste mundo fétido e miserável, ainda permaneci por certo tempo ali, na praça pública da *web*, "espantando moscas", como diria Friedrich Nietzsche.

Na infância, quando comecei a gostar de ler, eu ia para a biblioteca pública e pesquisava em enciclopédias, dicionários e nos únicos livros acessíveis.

Hoje, impressiona-me as constantemente atualizadas facilidades e informações que nos são ofertadas. Definitivamente, permanecer na burrice é uma opção somente para preguiçosos.

A chave para o desenvolvimento pessoal é otimizar o tempo, usando-o para coisas úteis, em vez de assistir televisão e se expor em redes sociais. Todos reclamam quando roubam suas carteiras, mas distribuem seu tempo para qualquer um, que é muito mais precioso (acho que foi Sêneca quem disse isso, mas não exatamente desta forma). Excesso de informações, sem ordenação, mais atrapalham. As pessoas acabam tendo a impressão que sabem de tudo e, casando a vã curiosidade com a torpe tagarelice, correm para comentar, mas nunca com aprofundamento. Daí o surgimento de uma quantidade absurda de "especialistas".

Hábito é aquilo que fazemos repetidas vezes. Quanto mais praticamos coisas más, mais facilmente as repetimos. Quando todos estão conformados e perseguindo prazeres momentâneos, acabam por dessensibilizar para o que é bom, belo e verdadeiro. Resultado: a poluição visual e sonora das colmeias humanas urbanas, e a banalização de todas as futilidades e más condutas que transformaram este mundo em um verdadeiro lixão.

Com menos de 200 reais por mês é possível fazer um curso EAD, mas a multidão medíocre prefere gastar o mesmo valor por fim de semana para fornicar e se autodestruir. Então tudo é nivelado por baixo, direcionado aos incapazes que gostam de reclamar, e a culpa é sempre dos outros, seja do estado ou da "burguesia", o importante mesmo é terceirizá-la. Há muita virtude na autocrítica, todos estamos onde merecemos e com quem escolhemos.

Vivemos o ápice do comodismo, oferecido por aquilo que muitos enchem a boca para chamar de "civilização ocidental judaico-cristã". Satisfação excessiva, muitas opções de consumo, imediatismo, mas todos atados a um ciclo interminável de dívidas, acúmulo de vícios (drogas legais e ilegais, jogos, pornografia e pseudocultura entorpecedora) e sendo constantemente entretidos para não descobrirem de onde vieram e onde moram (por isso a insistente conservação das duas maiores empulhações, as vacas sagradas do que sói chamar "Ciência", provenientes diretamente da gnose: o heliocentrismo e o "evolucionismo").[1]

Faço votos que aproveitem bastante este tempo de bonança, porque uma hora a palhaçada vai acabar e, de frescura e fartura, o homem um dia será obrigado a parar de reclamar e usar sua testosterona, ou nem alimento conseguirá. Quase todos se venderão, mas os que confiarem na Providência e resistirem às imposições da turba da praça pública salvarão a própria alma. Dizer "sim" para tudo, seguir o "efeito manada" ou fazer concessões contra a própria consciência por respeito humano, pode acarretar a pior morte: a espiritual.

Como é impossível saber o próximo passo na agenda da judaria internacional e seus capangas maçons, e considerando que tem havido falta de energia em diversos cantos do planeta, não devemos depositar confiança cega na *Internet* e outros recursos eletrônicos. Sabe-se que, com seus bancos, universidades e mídia, eles

querem o caos generalizado, regendo uma população mundial reduzida, alimentada com iguarias estrogenadas e água envenenada com mercúrio, enquanto morarão seguros em seus luxuosos abrigos subterrâneos.

Os grandes centros urbanos colapsarão sem luz (programou-se a obsolescência de recursos ilimitados, que foram monopolizados) em poucas horas, as cidades costeiras serão devastadas por catástrofes naturais, e o gado se dividirá entre vender a alma por um passe (provavelmente um chip implantado sob a pele) que dará acesso aos bens de consumo, ou o isolamento e ostracismo (quem sabe a morte física) impostos pelo governo único e os que matam e morrem por ele (devotos hipnotizados de suas falsas dicotomias ideológicas e hipóteses cientifistas), se auto sacrificando no altar de Lúcifer.

Somos os sobreviventes do experimento da ditadura sanitária, que obrigou todos a cederem seus corpos para inocularem só Deus sabe o quê em uma seringa (para curar uma doença por eles mesmos provocada), e os poucos que estavam despertos sofreram o martírio branco da ridicularização por fazerem suas próprias escolhas. Perante uma massa imunda de pessoas corrompidas (potencialmente ladrões e assassinos, que ainda são barrados pelas leis penais, apesar do estado atual de anomia), todos os que se diferenciam pela virtude, ou por anseios mais nobres que copular com o maior número possível de gente, são compelidos a consentir

com as modas e insistentes pressões dos que, diante deles com igual despeito, repetem o mesmo comportamento da raposa esfomeada desejando as uvas fora do seu alcance, como na fábula de Esopo.

Perdoe-me o leitor, por esta apresentação demasiadamente prolixa, com tom de confissão. Não me converti porque quis, fui coagido pelo amor. Respeito tanto quem pode escolher o caminho que quiser, como quem chega à verdade pela luz natural da razão, mas fui condenado pela Graça a seguir a Igreja, careço de liberdade para mentir para mim mesmo. Mais importante que a minha opinião é a verdade perene expressa nas páginas que se seguem. Os ensaios contidos neste livreto foram publicados no meu extinto *blog*, achei mister e urgente imprimi-los em papel, pois sempre desconfiei de coisas "*high techs*" (embora eu não seja um ludista reacionário), e o livro é para sempre, pode ser manuscrito, e uma prensa não precisa de energia. É mais confortável para ler, sem deixar de ser fácil de propagar.

Só se salva quem aprecia a oração e a leitura! A mensagem que tento trazer não tem penetração na *Internet*, e conseguirá tirar melhor proveito dos apontamentos por mim feitos quem habitualmente estuda e se aprofunda. Minha aparente intolerância (tolerar não é consentir, nem ter complacência pelo mau caráter) talvez mascare minha profunda piedade pelas almas vítimas da ignorância e da contumácia no auto engano. Eu nada ganho - às vezes perco (a vergonha na cara, por

oferecer o que é sacrossanto aos cães) -, tudo o que tento fazer é resgatar os meus, transmitindo cordialmente (no sentido buarqueano do termo) e sem sofismas, minhas meditações e reflexões, baseadas no catolicismo tradicional e na espiritualidade franciscana.

Peco aqui por falta de originalidade, pois a fé não é um sentimento, como dizem os modernistas, mas a adesão do intelecto à verdade revelada, e é necessário adequar-se a ela, por mais doloroso que seja. Minha docilidade aos que me antecederam (Apóstolos, Pais Apostólicos, Pais Apologistas, Pais do Deserto, santos mártires, virgens, confessores, santos religiosos e leigos, cruzados, monges e frades conhecidos e para sempre esquecidos, Doutores e toda a Igreja - triunfante e padecente) é total! Transmiti o que recebi, sem novidades (exceto pelas atualizações - nada obstante baseadas em fundamentos imutáveis - que nos forçam nossa época, para não cair no anacronismo), e caso cometi algum equívoco foi mais por autodidatismo e ignorância, que malícia.

Convertendo uma única alma, dou-me por satisfeito e cumprida minha missão, pois cada irmão ganho para Deus é uma festa nos Céus.

---

[1] Não há qualquer possibilidade de aliar o "evolucionismo" darwiniano com a religiosidade católica, como tentou, por exemplo, Teilhard de Chardin. A ausência dos "elos perdidos" e a imprecisão dos métodos de datação geológicos (rochas de vulcões que entraram em erupção há dezenas de anos já foram datadas como

tendo milhões de anos, e em 2003 pesquisas da paleontóloga Dra. Mary H. Schweitzer encontraram restos de tecidos moles em dinossauros fossilizados de supostamente 60 milhões de anos) evidenciam empiricamente que a "evolução" (que poderia se chamar "transmutação" ou "adaptação", apesar de *in loco* constatarmos uma involução ou decadência humana) é apenas uma hipótese, com base metafísica e invenções esotéricas, muito bem maquiada para parecer puramente biológica.

Existem, sim, micro mutações, mas como que da "sopa primordial", que surgiu por acaso, um mineral mudou de DNA para se transmutar em humano, tal hipótese não especifica. É preferível enquadrar forçadamente a realidade objetiva às conjecturas subjetivas, do que admitir a morte de seres vivos por afogamento em um dilúvio universal e corroborar com a Bíblia.

A monogênese está intimamente ligada aos dogmas do pecado original e da Redenção humana, como expresso na encíclica *Humani Generis* do Papa Pio XII:

"Quanto… ao poligenismo, …aos fiéis não é lícito abraçar uma opinião cujos fautores ensinam que depois de Adão existiram na terra verdadeiros homens que não tenham tido origem, por via de geração natural, do mesmo Adão, progenitor de todos os homens, ou então que Adão representa um conjunto de muitos progenitores. Não se vê de modo algum como estas afirmações se possam conciliar com o que as fontes da Revelação e os atos do Magistério da Igreja nos ensinam acerca do pecado original, que provém do pecado verdadeiramente cometido individualmente por Adão e que, transmitido a todos por geração, é inerente a cada um como próprio."

Descendemos todos de um único casal e temos uma origem em comum. A Bíblia possui livros históricos, sapienciais e até poéticos, mas, para a Igreja, o Gênesis é um livro histórico e deve ser lido literalmente.

As cosmologias de todas as civilizações antigas falavam de uma Terra sem curvatura, estacionária e coberta por um domo ou firmamento sólido (e baseados nisso os povos previam eclipses e outros eventos naturais com precisão). Na Cosmologia bíblica não é diferente; para ela, vivemos em um terrário, o Sol foi criado depois da Terra e está próximo (o milagre do "Sol dançante" em Fátima nos confirma isso), as Escrituras fazem referências à uma cúpula (como representada na arquitetura da Basílica de São Pedro e nas igrejas bizantinas) e comparam a forma da Terra a um sinete. Teólogos da antiguidade como Lactâncio, Santo Agostinho e Santo Isidoro de Sevilha sabiam que os antípodas (ou seja, a existência de gente de cabeça para baixo no outro lado do globo e uma chuva, neve ou granizo "caindo para cima") são ilógicos. Agostinho diz, no seu livro "Cidade de Deus", que é uma ideia ridícula.

Tudo faz mais sentido ainda quando a Igreja ensina ser o inferno um lugar – se bem que fora do espaço e do tempo – situado no centro da Terra (e não um "estado de alma", como, hereticamente, afirmam muitos) dividido em quatro estágios: o inferno eterno habitado pelos demônios e os condenados, seus sequazes, com o fogo que nunca se extingue, é o mais profundo. Acima, o dos membros da Igreja padecente (Purgatório), de Homens que morreram sem pecado mortal, mas ainda contaminados pelos veniais, onde o maior sofrimento é a privação de Deus. Cada um ficará o tempo necessário para se purificar, baseado nos seus méritos enquanto no corpo. Depois, o limbo das crianças que morreram sem pecado, mas sem batismo. E, mais acima ainda, o dos Patriarcas, Profetas e justos da Lei Antiga, que Cristo, antes da Sua Ressurreição, desceu para resgatar.

Para quem se interessar em saber mais, recomendo a leitura dos "Manuscritos do Purgatório" e dos sonhos de São João Bosco.

Existem muitas outras evidências, não somente filosóficas e teológicas, que os heliocentristas não explicam, como:

1 – O fato da água naturalmente sempre nivelar e não fazer curva;

2 – A Estrela Polar estar no Norte Celeste, ao redor da qual outras constelações giram (em uma esfera giratória no universo parado, ela se moveria também);

3 – No modelo da Terra achatado e redondo (não esférico), quanto mais nos aproximamos da borda, mais amplo e com estrelas fica o céu, aparecendo o Cruzeiro do Sul e outras constelações. Note-se que as fixas durante o ano inteiro no "Hemisfério Norte" são justamente as circumpolares (próximas à Estrela Polar), que na medida que nos movemos para o sul (no sentido oposto ao Norte magnético) as perdemos de vista por conta da limitação no campo de alcance da visão humana;

4 – A luz do Sol é dourada, quente, seca, conservante e antisséptica, enquanto a luz da Lua é prateada, fria, úmida, deteriorante e séptica, provando a distinção entre elas. "Os raios do Sol diminuem a combustão de uma fogueira, enquanto os raios da Lua aumentam a combustão. Substâncias animais e vegetais expostas à luz do Sol secam rápido, encolhem, coagulam e perdem a tendência a decompor e deteriorar; uvas e outras frutas tornam-se sólidas, parcialmente cristalizadas e preservadas, como passas, tâmaras e ameixas; carne animal coagula, perde seus constituintes gasosos voláteis, torna-se firme, seca e tarda a apodrecer. Quando exposta à luz da Lua, no entanto, substâncias animais e vegetais tendem a mostrar sintomas de putrefação e apodrecimento. Isso prova que as luzes do Sol e da Lua são diferentes, únicas e opostas tal como são no modelo geocêntrico do plano" (Eric Dubay);

5 – Os avistamentos (com registros filmados) de eclipses solares com a Lua ao seu lado no céu (os chamados "planetas" são, na verdade, estrelas errantes, discos luminosos planos que a Bíblia chama de "luminares", para nos servirem de direção, não havendo qualquer comprovação de serem corpos esféricos ou sólidos que não sejam imagens de *fotoshop*. Dependendo da sua fase, a

Lua fica transparente, mostrando o céu e estrelas atrás dela, exatamente como representado no clássico símbolo muçulmano da Lua crescente. A "*blue marble*", alegado pela NASA ser a primeira fotografia da Terra, possui nuvens idênticas repetidas e muitas edições (como uma das nuvens formando a palavra "*sex*"), e o tamanho dos continentes são diferentes em cada uma das outras tão conhecidas imagens por essa agência de propaganda divulgadas. O astrônomo *mainstream* Neil deGrasse Tyson disse há pouco tempo que a Terra tem formato de pera, então eles terão que decidir qual mentira emplacarão, pois sua afirmação não corro-bora com nenhuma das imagens de uma esfera perfeita);

6 – A forma plana que se comporta um radar, ou o "sul" da bússola de marinheiro, que, sendo verdade a teoria do globo, apontaria para o espaço sideral;

7 – Topógrafos, engenheiros e arquitetos nunca levam em conta qualquer curvatura em seus projetos;

8 – Nem nas guerras se levou em conta, ao calcular a direção das balas de canhão ou mísseis, a rotação de surpreendentes 1.670 km/h;

9 – Helicópteros e balões não precisariam se mover para viajarem (somente ficarem parados e pousar no destino);

10 – O voo de avião contra a rotação seria mais rápido do que a favor dela, seguindo a mesma rota, mas leva o mesmo tempo, e o piloto não faz a correção do bico para uma pretensa curvatura;

11 – A inviabilidade de atingirmos uma altitude excessiva, por causa do "cinturão de Van Allen" com uma radiação tão violenta que aniquilaria qualquer astronauta;

12 – O que se sabe sobre as "camadas da Terra" é observado de forma indireta com as rochas que subiram à camada da crosta, tendo em vista que o buraco mais profundo cavado (poço de

Kola, na Rússia) possui somente 12.263 metros, etc... somente para citar algumas...

É preciso amar muito a verdade para abandonar antigas opiniões que nos apegamos ou mentiras de estimação (que, até certa medida, podem mesmo ser úteis para mantermos a sanidade mental) aprendidas desde a escola, pois o conhecimento nos provocará a mudar de vida e nem todos estão dispostos a isso. Achar que a Terra é um globo não compromete a nossa salvação, mas quando despertamos que estamos sós e somos únicos (não apenas símios evoluídos habitando um pálido ponto azul perdido no Universo infinito), compreendemos o quão importantes (conquanto diminutos) somos para o Supremo ordenador de todas as coisas.

O mais intrigante nas conspirações é que elas existem, e denunciá-las se trata de algo mais elevado que pertencer a um clubinho: é o resgate das verdades que satanicamente nos tentaram fazer esquecer e são os segredos mais hermeticamente guardados.

A Igreja, os Templários e a Guerra

As civilizações pagãs eram guerreiras e organizadas em castas. Este sistema era hereditário e seus integrantes só podiam casar com indivíduos do mesmo grupo. Entre os arianos a casta mais prestigiada era a dos xátrias, os guerreiros, a que melhor expressava o sentimento ancestral de rebelião e revolta contra a Criação, comportamento característico da nossa condição decaída. Esses Homens eram seres inescrupulosos e quase bestiais, Homens-animais sedentos por sangue, famintos por ódio e motivados pela vingança.

Na guerra evocavam animais de poder e atacavam com um furor não encontrado nem no mais selvagem predador de rapina. Os povos arianos, oriundos do Vale do Indo (hoje Paquistão e Norte da Índia), se espalharam por todo o norte geográfico, do Cáucaso à Grécia, do Norte da África ao Extremo Ocidente, antepassados dos vikings, espartanos, romanos, celtas, lusitanos, etc. A religiosidade destes povos estava sob a influência dos

anjos caídos, chamados por eles de "deuses", e a moral, bem como a caridade, eram desconhecidas, até o começo da Cristandade.

Ainda antes do processo civilizatório e moralizante romano-cristão, a guerra e a religião andavam juntas, amalgamadas. O que o cristianismo trouxe de novidade foi que, pela primeira vez, desde a Batalha da Ponte Mílvia, os guerreiros eram também religiosos, pois todo cristão é chamado à santidade, e para imitar Jesus Cristo é necessário cultivar valores morais e seguir preceitos até então exclusivos da casta sacerdotal.

O guerreiro cristão é também um religioso, reúne em si as duas castas superiores: xátria e brâmane. Assim foi o grande arquétipo da cavalaria cristã São Jorge da Capadócia (mais ou menos 300 d.C.), um capitão da cavalaria romana que, ao ver a perseguição perpetrada pelo imperador Diocleciano contra os fiéis de Nosso Senhor, fez questão de afirmar publicamente sua fé e, mesmo baixo insuportáveis torturas, após resistir à inúmeros tormentos, como o sal em suas feridas, antes de ser morto decapitado, não hesitou em declarar reiteradas vezes: "todos os deuses dos pagãos são demônios!"

Personificando a união entre guerra e religião, à máxima potência, os templários adotariam uma Regra como fazem as ordens religiosas, cumprindo os votos de obediência, pobreza e castidade, e cultuando o heroísmo tão característico dos primeiros mártires, sendo

admirados e temidos pelos inimigos. São Bernardo de Claraval presta seu famoso "elogio da nova milícia dos templários":

> Este é um gênero de milícia não conhecido nos séculos passados, no qual se dão ao mesmo tempo dois combates com um valor invencível: contra a carne e o sangue e contra os espíritos de malícia espalhados pelos ares. Em verdade, acho que não é maravilhoso nem raro resistir generosamente a um inimigo corporal somente com as forças do corpo. Tampouco é coisa muito extraordinária, se bem que seja louvável, fazer guerra aos vícios ou aos demônios com a virtude do espírito, pois se vê todo o mundo cheio de monges que estão continuamente neste exercício. Mas quem não se pasmará por uma coisa tão admirável e tão pouco usada como é ver a um e outro homem poderosamente armado dessas duas espadas, e nobremente revestido do caráter militar?
>
> Seu espírito se acha armado do elmo da fé, da mesma forma que seu corpo da couraça de ferro. Estando fortalecido por essas duas espécies de armas, não teme nem aos homens nem aos demônios. E digo mais: não teme a morte, posto que deseja morrer. Com efeito, o que pode fazer temer, seja a morte ou a vida, quem encontra sua vida em Jesus Cristo e sua recompensa na morte? É certo que ele combate com confiança e com ardor por

Jesus Cristo, entretanto deseja mais morrer e estar com Jesus Cristo, porque este é seu fim supremo.

Oh! Com quanta glória voltam do combate esses vencedores! Oh! Com quanta ventura morrem esses mártires na peleja! Regozija-te, campeão valoroso, de viver no Senhor, mas regozija-te ainda mais de morrer e ser unido ao Senhor. Sem dúvida tua vida é frutuosa e tua vitória gloriosa, mas tua morte sagrada deve ser preferida com justa razão a uma e a outra. Pois se os que morrem no Senhor são bem-aventurados, quanto mais não o serão aqueles que morrem pelo Senhor. Em verdade, de qualquer maneira que se morra, seja no leito, seja na guerra, a morte dos santos será sempre preciosa diante de Deus. Mas a que ocorre na guerra é tanto mais preciosa, tanto maior é a glória que a acompanha.

Os soldados de Cristo poderão, com absoluta segurança de consciência, pelejar as batalhas do Senhor, sem receio de cometer pecado com a morte do inimigo, nem desconfiança de sua salvação se sucumbirem. Porque dar ou receber a morte por Cristo não só não implica ofensa a Deus, nem espécie alguma de culpa, mas pelo contrário merece muita glória.

Quando tira a vida a um malfeitor, não deve ser chamado homicida, porém "malicida", se é que

> assim me posso expressar; pois ele executa literalmente as vinganças de Cristo contra os que praticam a iniquidade, e adquire com razão o título de defensor dos cristãos. E se é morto, não dizemos que se perdeu, mas que se salvou. A morte que ele dá é para a glória de Cristo; e a que recebe é para sua própria glória.
>
> Saia, pois, de sua bainha a dupla espada espiritual e material dos cristãos, e seja descarregada com força sobre a cerviz dos inimigos para destruir assim tudo quanto se ergue contra a ciência de Deus, isto é, a fé dos seguidores de Cristo, para que não digam jamais esses infiéis: 'Onde está o seu Deus?

Para ilustrar o destemor dos templários, vale um breve relato de Cláudio de Cicco sobre os monges guerreiros[1].

> Um templário é preso pelos turcos, que o amarram a uma cruz e o colocam sobre a muralha da cidade, para evitar o ataque dos outros cavaleiros templários. Mas, ao chegarem estes, o próprio prisioneiro insistiu em que deviam atacar a cidade mesmo ao preço de sua vida. E, realmente, os turcos ficaram muito espantados quando viram que os cavaleiros se organizaram e marcharam em direção à cidade, imediatamente matando o cavaleiro com uma lança (com isso se completou o simbolismo da cruz e da lança).

Por intermédio do Seu Filho unigênito, o nosso Deus criou uma religião que ama a guerra, e não há nada mais civilizacional do que religião e guerra se complementando. Todas as grandes civilizações antigas, mesmo praticando os erros tão peculiares dos pagãos como sacrifícios humanos, suicídios, incestos, orgias, infanticídios, etc. tinham na guerra e nos seus "deuses" a receita da continuidade de sua tradição e o motivo da expansão do seu espaço vital.

Nesta alta modernidade que, segundo Anthony Giddens, "é uma ordem pós-tradicional, que, longe de romper com os parâmetros da modernidade propriamente dita, radicaliza ou acentua as suas características fundamentais", o homem emasculado neopagão não ousa nem esboçar uma reação violenta de autodefesa, quanto mais de ataque. Ele não medita sobre a morte, nem sobre "o sentimento trágico da vida" (Miguel de Unamuno).

> Ensinam os autores espirituais que, quando meditamos sobre a morte é para vivermos bem. A ciência pode tornar mais agradável a vida, pode contribuir para prolongá-la. Mas há valores que estão acima da própria vida. E mais vale morrer salvando esses valores do que viver indignamente (José Pedro Galvão de Sousa).

Nunca o ser humano esteve tão desprovido de sentido e de causa, tão vazio de sacralidade e de ritos verdadeiramente transcendentes. O que resta é um arremedo

de tradição degenerado em costumes, que são seguidos de forma mecânica, involuntária, com o único objetivo, sutil e tenuemente, de se manter uma certa coesão e ordem social, do contrário viveríamos em um prostíbulo a céu aberto, pior do que em Sodoma e Gomorra.

Ernst Jünger, filósofo e combatente, um amante declarado das trincheiras, que via a guerra como uma experiência interior, disse que o mundo moderno, com o tecnicismo e o automatismo, degradou tudo, inclusive a guerra. Citemos como exemplo a extinção dos samurais, que se deu graças ao uso da pólvora tornando seu estilo de vida obsoleto, algo que já havia se passado na Europa com as ordens de cavalaria.

Da pólvora, pondo fim ao confronto físico, iniciando a batalha à distância, avançamos com uma velocidade aterradora aos transportes a vapor, depois aos submarinos, aos fuzis, até à revolução química, reduzindo a guerra à um empreendimento de covardes, *nerds* operadores de *video games*. Jünger entendia a guerra como "o mais forte encontro dos povos", o combate entre adversários era "coisa sempre de santos", chegando a afirmar que "viver é matar". Escreveu em diários seus relatos dos campos de batalha de 1914 e, em sua exaltação quase libidinosa da violência, clamava que o abalo aos fundamentos da civilização, sendo um deles a guerra, "desencadeia bruscas erupções de sensualidade". Certamente, além da influência dos escritos de Léon Bloy, foi essa aguçada percepção da grandeza da guerra que o converteu ao catolicismo no fim da vida.

Toda a história da humanidade é a espera pela vinda do Redentor, iniciada logo após a Queda e concretizada graças aos bons judeus que, desde Abraão, passando por Moisés, pelos reis Davi e Salomão, o profeta Elias, e os guerreiros Macabeus resistindo à helenização, pavimentaram o caminho ao Deus Senhor dos Exércitos, em meio ao paganismo sem moralidade de seus vizinhos idólatras, divinizadores do Homem e adoradores do falo.

Ó doce e feliz culpa, que sem a qual não conheceríamos Cristo Jesus, nem por meio d'Ele, com nosso esforço ascético pessoal, habitaríamos a Morada Celeste, que é dos violentos, daqueles que entram chutando a porta!

---

[1] A Igreja Católica, as Ordens de Cavalaria e os Templários, por Cláudio de Cicco.

A Questão Hispânica

Europa é sinônimo de Ocidente, que é sinônimo de "progresso". Separo propositalmente o Ocidente do "ocidentalismo", sendo este uma ideologia.

Alberto Buela conclama a Hispano-américa contra o Ocidente, já sobre os ombros de Ramiro de Maeztu. Ao ler "hispano", entenda-se "íbero". Seria a Civilização hispânica parte do Ocidente? Ou seria ela *sui generis*?

Como bem ensinou Manuel Garcia Morente: "*la hispanidad es um estilo*". Ele diz ser um estilo que denota elegância, grandeza e indiferença perante a morte, que não seria o termo, o pôr do sol, mas a aurora, o começo da vida eterna. Porém, é mais fácil dizer o que a hispanidade não é: não é raça, língua ou território. E não é europeia nem moderna.

A hispanidade é (e nisto estão todos os hispanistas de acordo) o resultado da Civilização romana que atinge o seu esplendor na Reconquista. E, segundo

Morente, a figura que melhor representa esse "estilo" é o cavaleiro cristão:

> *Los siglos de Reconquista han impregnado de religiosidad hasta el tuétano el alma del caballero cristiano; infundiéndole, además, la convicción de que la vida es, em efecto, lucha; la lucha por imponer a la realidad circundante uma forma buena, uma manera de ser excelente, que por sí misma la realidad no tendría. El caballero cristiano es, pues, esencialmente um paladín defensor de uma causa, deshacedor de entuertos e injusticias, que va por el mundo sometiendo toda realidade – cosas y personas – al imperativo de unos valores supremos, absolutos, incondicionales.*

A tal "América Latina" nunca existiu, sendo um termo equivocado, rótulo que provém do interesse expansionista francês.

Já *Hispania* foi o nome dado pelos romanos à Península Ibérica, região que hoje é Portugal e Espanha, como dois dos primeiros estados nacionais, mas onde se fundiu um amálgama de povos e culturas. Portugal, por exemplo, esteve 8 séculos sob domínio mouro. Diz-se que essa gloriosa nação nasceu com a espada na mão, engendrando um povo forjado na guerra, durante quase 1 milênio.

Constitui a *Hispania* síntese de várias civilizações e, por sua geografia privilegiada (bicontinentalidade) e

tradição pré-moderna, se aproxima mais da África de Tertuliano e Santo Agostinho do que da Europa da "Paz de Vestfália".

Foi para São Tiago Apóstolo, evangelizador daquela *Christianitas minor*, que se deu a primeira aparição de Maria (na verdade, uma bilocação), em 12 de outubro de 40 d.C, na cidade espanhola de Saragoça. Para confortá-lo nas perseguições, ela surgiu sobre um pilar de jaspe que ainda lá se encontra, ao seu redor ergueu-se o primeiro santuário mariano. É a nossa coluna da Fé, até o fim dos tempos.

Deus permitiu que os infiéis tomassem posse do território peninsular para fortalecer o povo na Verdade. O Principado das Astúrias, com a devoção e determinação do rei Pelágio, é o marco inicial da Reconquista. Espetacularmente, São Tiago voltaria como "*Matamoros*" na Batalla de Clavijo, em 23 de maio de 844 d.C., momento em que guia os cristãos contra as hordas norte-africanas, caindo mais de 5 mil muçulmanos.

A *Hispania* protagonizou muitos outros acontecimentos sem par na História, entre eles a travessia dos oceanos para a conquista de novas terras, formando o maior império já visto, expandido pelas lanças dos "terços", o exército mais temido da época. Somos frutos desse ímpeto expansionista da Reconquista, que não findou com a retomada de Granada. A Terra de Santa Cruz não nasce em 1500, mas em Ourique, fundado por Dom Afonso Henriques. As 5 quinas são, na verdade, o Cruzeiro do Sul.

Quando Nossa Senhora em Fátima anunciou que Portugal guardaria o dogma da Fé, ela incluía nossa pátria.

Desde a *Hispania* emergiu a União Ibérica, "onde o Sol jamais se punha", atingindo todos os confins da Terra, inclusive estas terras, através de Portugal. Filipe II foi seu imperador, um homem intransigentemente católico, chamado posteriormente de "absolutista" pelos democratas iluminados. Seu feito mais notável foi liderar a "Liga Santa" de estados católicos, possibilitando a vitória na Batalha de Lepanto, que deteve o avanço dos maometanos turcos.

São os pilares de nossa Civilização: a cultura greco-romana, o pensamento medieval e a hispanidade como atitude bélica de resistência ao invasor. Não somos "judaico-cristãos", como dizem os conservadores protestantizados, por dois motivos:

Primeiro que os judeus em nada influenciaram o Ocidente autêntico do ponto de vista filosófico, sua contribuição ideológica é ao "ocidentalismo", com ideias materialistas e socializantes.

Segundo que a lei do temor foi aperfeiçoada pela lei do amor, que é caridade e justiça. Embora o povo judeu tenha sido devidamente disciplinado pelo Decálogo, ele não aceitou Jesus como o Cristo (os rabinos são os sucessores dos fariseus e adotam como principal livro o *Talmud*, que é repleto de blasfêmias contra Nosso Senhor e Sua mãe). É que Deus, apesar de Rei,

nasceu pobre para confundir a avareza dos adoradores do bezerro de ouro e veio para todos os povos.

A Civilização luso-tropical participa da hispanidade, e, como nação monárquica, é nossa a missão de liderar a América hispânica contra o jugo de culturas alógenas que tentam nos impor sua influência e inculcar seus valores degenerados, como sistematicamente faz a América do Norte, nascida sob a égide do protestantismo mais judaizante.

Nada devemos ao judaísmo internacional, que nos legou somente a prática usurária de seus bancos, o derramamento ritual de sangue fomentado por guerras e seus agitadores sociais e, na contemporaneidade, a inoculação do veneno mortal das suas agências de notícias.

A Europa Continental e do Norte já haviam sucumbido ao pensamento revolucionário, enquanto a Ibéria ainda preservava a monarquia tradicional. Germânicos, anglo-saxões e nórdicos romperam com a Igreja, e franceses se digladiaram no que Joseph de Maistre embasbacado chamou de "revolta de homens vis".

As aventuras além-mar expandiram a cultura baixo medieval por todo o mundo bárbaro. A obra civilizadora jesuíta e o barroco marcaram a identidade fundacional desta Terra de Santa Cruz. Enquanto os índios ágrafos viviam na pré-história, o elemento luso trouxe o que havia de melhor em termos civilizacionais: da roda e do metal à educação liberal (como a Lógica e a Gramática) e a arte sacra. É exatamente essa herança baixo medieval

que proporciona o fato de, no interior mais profundo , ainda cultivarmos termos e até costumes de origem europeia, esquecidos pelos próprios europeus contemporâneos. A título de curiosidade, em Goiás temos as "cavalhadas" simulando as justas cavalheirescas medievais, bem como ainda se fala de Carlos Magno e Dom Sebastião em poemas do cordel nordestino.

Georges Sorel entendia que o progresso é um mito religioso, que ocupa na consciência o mesmo lugar da religião. É burlesca a afirmação do "progresso contínuo e indefinido da raça humana", onde no futuro próximo atingiremos uma sociedade livre, igual e fraterna. Neste mesmo espírito conjecturaram Spencer e Darwin. Muitas das várias hipóteses anticientíficas vigentes na academia pretensamente científica, colocam as proposições de certos autores como dogmas. As doutrinas de Marx, Freud e Foucault não estão abertas ao debate. Igualmente risível é a teoria do "estado de natureza"[1].

Como disse G. K. Chesterton:

> (...) a tradição pode ser definida como uma extensão do direito de voto, pois significa, apenas, que concedemos o voto às mais obscuras de todas as classes, ou seja, a dos nossos antepassados. É a democracia dos mortos. A tradição se recusa a submeter-se à pequena e arrogante oligarquia daqueles que parecem estar por aí meramente de passagem. Os mortos têm de estar presentes nos nossos conselhos. Os antigos gregos votavam por

> meio de pedras; os mortos devem votar por meio de pedras tumulares. É tudo muito regular e oficial, pois a maioria das sepulturas, como a maioria das listas de votação, são marcadas com uma cruz.

A tradição é a democracia dos mortos, porque há mais mortos do que vivos. Para o progressista tudo o que é novo é bom, ele agarra a novidade como o cão dócil não resiste à tentação de um brinquedo novo. O progressista sabe que é um mero símio evoluído, ele se identifica com seu irmão primata.

A Civilização hispânica, do ponto de vista geográfico, abrangendo a Ibéria e a Hispano-américa, incluindo as terras luso-tropicais com seus mazombos, criollos e agregados, pode ser chamada de Extremo Ocidente, mas do ponto de vista cultural é algo *sui generis*, nem europeu, nem ocidentalista. Sendo precisamente a Hispano-américa, com sua mentalidade pré-moderna, a nossa reserva espiritual e moral, nela ainda cavamos as trincheiras da Tradição.

---

[1] Descartes separa a Ciência da Filosofia, e se entendemos aquela como puramente empírica, ao contrário desta, que é reflexiva, concluímos a impossibilidade do método indutivo no âmbito das humanidades. O Homem é um ser complexo e não pode ser estudado como ratos na gaiola ou peixes no aquário, como queria Skinner.

A estreiteza intelectual do "erudito" de carreira faz com que ele ache que só é válido o que é produzido dentro da instituição acadêmica, onde ela cita apenas a si (autorreflexão ou dogmatismo?) e qualquer dissidente é desencorajado a continuar, porque nem orientação consegue. A academia não produzirá conteúdo contra ela mesma. Se todos adaptassem suas obras às regras da ABNT, os discursos verdadeiramente eruditos se empobreceriam e enfeariam. Platão se revira no túmulo (?), cada vez mais teses e artigos tem se apresentado ilegíveis. Alguém estaria disposto a apostar que houve progresso de fato trazido pelo tão sonhado "estado positivo" comtiano?

A Estética da Morte

"Vem depressa doce morte
Acolhe-me em teu socorro
Que morro porque não morro."
(Santa Teresa d'Ávila)

Tudo o que é criado possui peso, número e medida. A beleza, a bondade e a verdade (presentes na Santíssima Trindade – transcendente, eterna e imutável) são captadas pelos sentidos e pelas potências superiores (vontade e intelecto). A vontade para praticar o bem e a inteligência para conhecer a verdade.

> Essa profunda relação entre verdade, bem e beleza faz com que chamemos de belas as ações que são moralmente boas. Também, por isso, as mães, ao repreenderem os filhos, lhes dizem para não praticarem ações más, porque elas são feias. Por sua vez, toda ação virtuosa é racional, e, quando alguém age mal, diz que errou, isto é, que agiu contra a razão. Por fim, quando a verdade aparece com todo o seu esplendor, dizemos que ela é bela: 'Eis aí uma bela verdade'. Toda beleza é boa e verdadeira. Em contrapartida, tudo o que é mau é feio e falso. Tudo o que é falso é mau e feio. E o feio lembra o mal e o erro (Orlando Fedeli).

É por meio da sensibilidade que nos deleitamos no prazer do que é belo e sublime, seja criado por Deus ou pelo Homem, chamamos a isso estética. Uma obra de arte deve mimetizar ou elevar a realidade, e não a deformar ou distorcer, como é a práxis dos modernos (abstracionismo, dadaísmo, surrealismo, etc), que intentam expressar intuitivamente novas formas além das já conhecidas, transmutando o "espírito da matéria", comunicando uma outra realidade suprassensível e misteriosa, eco dos anseios gnósticos e herméticos do romantismo.

Não há nada mais belo e intrigante que a morte, e precisamos cultivar o hábito de meditar sobre o fato de que sempre morremos mais cedo do que planejamos. No cristianismo primitivo, na arte das paredes das catacumbas, a caveira era frequentemente retratada, não somente significando o fim da existência, mas o começo da vida verdadeira, com a morte para o mundo. Etimologicamente, o lugar da crucifixão de Nosso Senhor, o Gólgota, significa "lugar da caveira", que, segundo a Tradição, teria sido a sepultura de Adão, lavada pelo sangue do Redentor (o "segundo Adão"), "de modo que, como todos morrem em Adão, todos possam ressurgir em Cristo." (Orígenes).

Nas obras de Hieronymous Bosch, no século XV, o além-vida é excepcionalmente representado na forma de inferno, como o desígnio certo da maioria dos Homens, dos que vivem a falsa vida dos prazeres.

Era intencionalmente a arte do feio, do disforme e do grotesco, como só pode ser um lugar onde não impera a proporção e a harmonia, semelhante ao infernal mundo moderno, caricatura de tudo o que é diabólico. Após as três revoluções na arte (renascimento, romantismo e arte moderna), o que vigorou foi a "imaginação no poder", quer dizer, não havendo mais regras de beleza, nem verdade objetiva (aquela virou questão de gosto e esta de opinião, impossibilitando qualquer diálogo), bom é tudo aquilo que imagino ser útil e proveitoso, e todas as opiniões são corretas, ainda que contraditórias.

É certo que neste mundo criado tudo tem começo e fim, o Homem é perecível e a Criação também. Ao entendermos que a carne possui tempo de duração e que a alma é eterna, vemos mais nitidamente a vida como uma passagem brutalmente célere. Ao Homem que quer vencer os vícios são necessárias a constante meditação da morte e uma boa relação com a mesma.

> Que adianta vivermos muito tempo, quando tão pouco nos emendamos? Oh! Nem sempre traz emenda a longa vida, senão aumenta muitas vezes, a culpa. (...) Bem-aventurado aquele que medita sempre sobre a hora da morte, e para ela se dispõe cada dia." (Tomás de Kempis).

O muito querer viver e o muito saber acarretam responsabilidades, nos deixam ansiosos, infelizes e destroem nossa inocência.

Se Jesus Cristo se esvaziou de si mesmo, quem sou eu para, como os filhos de Lúcifer, amantes da soberba, ousar cobiçar o melhor lugar nos Céus? Os hereges e pecadores obstinados precisam reconhecer a própria pequenez, os próprios vícios, imposturas e incapacidade perante Deus, entendendo que a menor blasfêmia não ficará impune. Ele é o Senhor e quem se fecha completamente à Sua Graça torna-se candidato à eterna morada do inferno. Temer e tremer diante desta ameaça é o princípio da sabedoria. O pai da mentira odeia tanto o gênero humano, que nos estimula a praticar atos pro ele mesmo execrados (por terem sido anjos, os demônios possuem senso da Lei Natural). Quem não compreende isso cai na maior armadilha de Satanás, que é fazer todos duvidarem da sua existência.

Somos meros jarros de barro cheios de água suja, não adianta colocar água limpa sem antes esvaziar nossas impurezas: eis a prioridade do asceta que se converterá em místico, praticando o gozo afetivo de Deus. Devemos amar Nosso Senhor, Nossa Senhora (nos assemelhamos ao que amamos), aceitar os dogmas sem contestar e frequentar os Sacramentos. Para alcançar a Vida Eterna, o caminho mais seguro e inclusivo é o abandono da própria vontade em união passional (conformando a própria vida com a Paixão de Cristo) e esponsal com o Uno.

O que nos distingue dos animais? De fato, nós devemos falar de um "reino humano", que se diferencia

dos reinos mineral, vegetal e animal. O Homem compartilha características com os três, porém é um ser de outra categoria, de uma ordem mais elevada. Ele se assemelha aos animais pelos sentidos, a memória e a imaginação, mas o Homem possui as potências do intelecto e da vontade (as bestas são escravas dos instintos, não dotadas de liberdade), localizadas na região superior da alma (também conhecida como Espírito).

A vontade não está ligada ao desejo, este é proveniente dos sentimentos e das emoções, como o desejo de saber e o desejo de conhecer, que costumam virar vícios e despertar a vaidade ("o conhecimento incha", afirmou o Apóstolo dos gentios). "No dia do juízo não se nos perguntará o que lemos, mas o que fizemos." (Tomás de Kempis). A vontade é uma potência da alma, é uma força que pode, inclusive, se contrapor ao desejo. Os panteístas e ecologistas colocam todos os seres vivos em pé de igualdade, posto que todos os animais são sencientes, mas o Homem é dotado de Espírito e se encontra em nobreza abaixo somente dos anjos.

Conhece-se uma pessoa a partir da relação que ela tem com a morte. Todos sairemos do corpo, indubitavelmente. Mas quando? Como nos encontrará a doce morte? Cheios de luxos materiais, que não levaremos conosco, ou cultivando riquezas imorredouras como virtudes, sabedoria e, a mais importante, amor ao Jesus Cristo Salvador? Em poucas gerações estaremos olvidados, não seremos nem mesmo uma pálida

lembrança. Mesmo nossos entes queridos evitarão pronunciar nosso nome, receosos de reviver o sofrimento causado pela nossa perda.

Cabe-nos então a morte em vida para este pântano malcheiroso que é o mundo e suas modas. "Muito louvável é aquele que todos os dias espera a morte; mas é santo aquele que todas as horas a deseja. (...) Muito bem disse um sábio que não se pode viver um dia bem vivido senão pensando que é o último." (São João Clímaco). Mas que Deus nos encontre vigilantes:

> Fiquem preparados para tudo: estejam com a roupa bem presa com o cinto e conservem as lâmpadas acesas. Sejam como os empregados que esperam pelo patrão, que vai voltar da festa de casamento. Logo que ele bater na porta, os empregados vão abrir. Felizes aqueles empregados que o patrão encontra acordados e preparados! (...) O empregado que sabe qual é a vontade do patrão, mas não se prepara e não faz o que ele quer, será castigado com muitas chicotadas (Lucas 12, 35-48).

No entanto, quando uma alma é esposa de Nosso Senhor e n'Ele pensa com mórbida obsessão, e com confiança descansa em seus braços como a criança descansa nos braços do pai, ela nada teme, pois o *telos* da vida é a morte.

A morte física é consequência do pecado original, que passa a ser o destino do Homem graças

à enganação da antiga serpente, levando à Queda o primeiro casal ("o salário do pecado é a morte." – Romanos 6,26). Nada obstante, sem a morte a vida não estaria completa e não haveria a gloriosa Ressurreição no fim dos tempos. O que mostra que Deus tira o bem do que aos ímpios parece mal. Jesus Cristo transfigura esse mal em benção, morrendo fisicamente submisso à vontade do Pai e ressuscitando. Para o cristão a vida não é tirada, mas transformada ("para mim, a vida é Cristo, e morrer é lucro." – Filipenses 1,21).

A Estética é o ramo da Filosofia que tem por objeto o estudo da beleza. E dentre as investigações filosóficas, o tema da morte é o que mais fascina e espanta. O espanto é a origem do pensar e para filosofar é pré-condição possuir tal sentimento. "A filosofia não tem outra origem (que o espantar-se)

> (...) Aquele que se maravilha sente que é ignorante; portanto, se foi para escapar da ignorância que estudou filosofia, é evidente que buscou essa ciência por amor ao conhecimento (Platão).

Tenhamos, pois, frieza e indiferença estoica perante a morte, como teve Sêneca, e que apontou as seguintes atitudes como configurando desperdício de vida: "insaciável ganância, trabalhos supérfluos, a embriaguez, a gula, a inércia, a preocupação com a opinião alheia, a busca da adulação de superiores, a inveja pelo destino

alheio, a falta de objetivos, a falta de rumo na vida, os bens (riquezas), preocupação com a eloquência, a necessidade de mostrar talento, a libertinagem, paixões ávidas, conversas inúteis, a glória, a avareza, a raiva, além de outros." Conforme o filósofo espanhol,

> (...) aquele que não quer morrer, recusou viver! A vida na verdade nos foi dada tendo a morte por condição: é na sua direção que andamos. Que loucura a temer!

Só teme a morte, aquele em que a consciência pesa.

Se há beleza na morte, é porque ela, o grande enigma do gênero humano, é, assim como a arte, a janela para o Infinito.

O Ser e Deus

A Ontologia é o ramo da Metafísica que estuda o Ser. Se tudo fosse imanência, a Física seria a ciência mais excelente, mas, como há transcendência, precisamos pensar metafisicamente. Dizer platonicamente que "a alma é uma esfera", pode parecer uma heresia para os aristotélico-tomistas, entretanto é a direção que trilhamos.

O Ser do Homem

Tendemos ao mal, somos desprezíveis e "não valemos mais do que uma folha morta" (Ernest Bernea). Buscar no Homem seu Ser verdadeiro é entendê-lo como contingente. O ser humano é um ente fraco que nasce nu e desprotegido, durante a vida carrega dentro de si uma bolsa de excremento, faz questão de cultivar uma alma embaciada pelo apetite desordenado da própria excelência, e é incapaz de praticar o bem se não estiver na Graça. A soberba é um pecado supracapital, ou seja, é a cabeça (*caput*) de todos os outros pecados

e o resquício daquele *non serviam* que obrigou o mais belo Serafim a deixar seu trono, sendo reocupado pelo humilde São Francisco de Assis.

A auto exaltação é a semente de todos os vícios e nos assemelha aos demônios. Qualquer virtude perde seu mérito se não for fundamentada na humildade (a virtude mais falada e menos praticada), porque somente ela e a obediência podem restaurar nosso estado antes da Queda. O humilde olha sempre para sua condição terrena (*humus*), pois mesmo possuindo sangue real desde a criação da sua alma (e a Santíssima Trindade em seu coração), estima a si mesmo no seu justo valor e esconde de todos seus bons atos (caso de fato os pratique), já que é impossível ser bom por esforço próprio.

O humilde é aquele que (1) nada tem: é pobre de bens e de espírito, e dando esmolas lava a alma dos pecados; (2) nada quer: possui confiança na Providência, tendo em vista que tudo o que necessita foi Ele quem nos regalou, como o ar, a luz e o pão; e (3) nada sabe: em silêncio e na quietude nunca quer que sua opinião prevaleça, estar sempre certo é sinal de apego a si.

O Homem humilde é um suicida, pela obediência se aniquila, como que morto para o mundo, para viver somente para Deus, não fugindo dos sofrimentos, e até os deseja.

O Ser de Deus:

Mas quem é Deus? Em Êxodo 3,13-14, "Moisés perguntou: 'Quando eu chegar diante dos israelitas e lhes disser: O Deus dos seus antepassados me enviou a vocês, e eles me perguntarem: Qual é o nome dele? Que lhes direi?' Disse Deus a Moisés: 'Eu Sou o que Sou. É isto que você dirá aos israelitas: Eu Sou me enviou a vocês'."

O Ser criado está sempre sujeito à tensão ser/não ser, temporalidade/atemporalidade, finitude/eternidade. O Ser não criado só pode ser apreendido no âmbito da fé. Como disse Edith Stein: "A ação de Deus não tem nem princípio nem fim; subsiste desde a eternidade, até a eternidade, repousa na imutabilidade mesma de seu ser: é ato puro. Não tem necessidade de nenhuma faculdade passiva que exija ser posta em movimento." É Ele mesmo quem (juntamente aos seus anjos) tudo move. E também: "Deus é o ser que abarca e contém tudo e que enquanto tal é o único distinto de todo ser finito."

Para o místico, se compreender o Ser é associá-lo à existência, então Deus está acima do Ser, pois não se assemelha a nenhum tipo de imagem. Deus mora nas trevas, escondido por uma densa nuvem do não-saber. Na mística mais especulativa, se diz que tudo é, exceto Deus, ou seja, Deus não existe, porque é o único "algo" não-criado. Considerar que Ele é, da mesma maneira que a gente é, é diminuí-Lo. "Deus, o Eterno, o Incriado e o Infinito, não cria nada absolutamente semelhante a

si mesmo, pois não há um segundo Eterno, Incriado e Infinito." (Edith Stein).

Deus não é isto ou aquilo, mas somente Deus é Deus. Devemos nos desprender de toda imagem exterior, para que Ele e a nossa alma espelhem um ao outro.

A Criação é lógica, mas o Unitrino não se acessa pela inteligência, muito menos pela imaginação ou pelos sentidos. Pode-se, positivamente, conhecer a Deus através das suas criaturas, todas elas saíram do seu intelecto; ou negativamente, entendendo aquilo que Ele não é. Qualquer tentativa de descrevê-lo é debilidade e loucura, o mais adequado é silenciar.

A Educação não é um Direito, mas um Dever

"A boa educação é moeda de ouro. Em toda parte, tem valor." (Padre Antônio Vieira)

Existe somente uma via de deificação: pela porta estreita que é Nosso Senhor Jesus Cristo, perfeitíssimo Homem e perfeitíssimo Deus, com sofrimento, sacrifício, desapego... imitando-O no Sagrado lenho. Mas, antes de tudo, ao contrário do que cantavam Friedrich Nietzsche e Ezra Pound, pratiquemos uma radical (desde a raiz) moralização do falar, do agir e do vestir, ou seja, da vida em sua totalidade.

Que nossos atos demarquem bem a nossa desigualdade! Um Homem superior deve agir de forma superior e, em tudo o que fizer, em todos os seus movimentos, refletir a Deus em sua Ordem e perfeição. Pela Criação é possível saborear a essência e existência primeva, que é Aquele que está acima de tudo o que é e existe. Se houvessem outras dimensões, esferas e formas de vida, os números não mudariam, o Primeiro Princípio continuaria sendo, ao mesmo tempo, 1 e 3, de onde emanam a Lei Eterna e a Lei Natural.

O profano, entusiasta dos novos tempos, influenciado pelo imanentismo de Descartes, repetidor da Epistemologia cética de Hume, arauto do cientifismo de Comte – dos quais ele nunca ouviu falar – só é hábil em vomitar estultícias e falácias. Falta-lhe a educação mais primária, o básico do básico, como uma gramática com substância, uma lógica reta e uma retórica com persuasão (*pathos*). Pelos Mandamentos impressos no coração do Homem, todos sabemos quando erramos e quando mentimos (quem mente e conspira, facilmente se ruboriza, quando descoberto), e como o sabemos se não existe verdade? Como podem existir a mesma quantidade de verdades, que de habitantes no mundo? Afirmar que não existe verdade objetiva, não seria uma verdade absoluta? Defender a tradição não é defender o passado, mas os valores imutáveis. "Toda política que não seja tradição é seguramente traição." (Arlindo Veiga dos Santos). Esta é a única postura rebelde no mundo moderno, a autêntica contracultura.

A educação não é um direito, mas um dever! E não falo do ensino formal, que é indecentemente pobre no Brasil, onde se adota a "pedagogia" dialética e dialógica de Paulo Freire, que não criou um método novo, apenas propagandeou porcamente o marxismo. Ler o autor é aprender o que não deve ser feito (entre tantas sandices, no "Pedagogia da autonomia", Freire estimula a insubordinação do aluno perante o professor). A educação mais importante é a informal, difusa. Não chego ao nível de Illich ao pregar uma sociedade sem

escolas, mas é preciso desconfiar de instituições que se estruturam partindo de gente como o pastor Comenius com sua didática racionalista; Rousseau e sua teoria do desenvolvimento infantil, que ele coroa abandonando os cinco filhos no orfanato; Gramsci e seus intelectuais orgânicos; Dewey e sua escola renovada pragmática e experimentalista; Skinner, para quem o que vale para o rato, vale para o Homem; ou qualquer teórico liberal-tecnicista, libertário ou "libertador". Todos eles falharam. A Filosofia e a arte modernas o provam!

Ser pedagogo é saber ensinar a quem, geralmente, não quer aprender. É uma arte só dominada por vocacionados. E ser andragogo é encarar alunos, mesmo em idade avançada, com deficiência cognitiva. Mas um bom retor sabe adaptar o discurso à plateia. O professor excelente é aquele que domina o conteúdo, que é uma autoridade do saber, por conta dos seus estudos. Na *Paideia* grega o objetivo era a *areté*, a excelência na virtude, não a "liberdade de pensamento para uma sociedade democrática" (Dewey) ou a "luta de classes" (Freire). Ela era adquirida pelo desenvolvimento integral do ser humano, com a Ética e a Estética. Primava-se pela sabedoria, coragem, harmonia, beleza, etc. É preciso ser nobre, aristocrático, para ensinar valores.

O real educador deve ser transformador sim, mas não da sociedade, ele deve transformar a criança, o jovem ou o adulto com uma técnica maiêutica: de dentro para fora. São as características fundamentais

do educador, segundo o padrão de Clapp: virtude do acolhimento, boa aparência pessoal, otimismo, dignidade e reserva, entusiasmo, imparcialidade em retratar o necessário e não discriminar os alunos, sinceridade, simpatia, vitalidade e, *last but not least*, cultura.

Antes de abraçar a escola moderna brasileira, dita "crítica" e "reflexiva", com sua LDB, seu MEC, sua BNCC e ações da UNESCO, primemos pela autoeducação. Não trato aqui somente do acúmulo de dados *per si*, mas do conhecimento que realmente liberta. Vivemos em uma sociedade de sociedades, com entidades de classes, famílias, municípios, paróquias, ONG's e outras comunidades, então é para nós mesmos e para a pátria que nos educamos.

Educação também é etiqueta (regras de convenções sociais e de civilidade), cortesia, cavalheirismo e assim por diante. Não há nada mais politicamente incorreto que as boas maneiras, o amparo ao inferior, levantar para o mais velho sentar, tirar o chapéu ao ver um Sacerdote, abrir a porta do carro para uma moça, ser limpo, ter trato no falar e no vestir.

A educação transmite valores, o que não deveria caber ao estado moderno, que não ensina nem a ler, escrever ou contar. A família, segundo se crê, é incompetente, o que justifica a "educação obrigatória" como "direito de todos e dever do Estado" (Art. 205 – CF/88). A educação domiciliar, por exemplo, que é comprovado ser superior, não pode existir, porque concorre com

a estatal, daí que regimes totalitários nunca formaram filósofos, vide o exemplo espartano frente ao ateniense.

No estado confessional, restaurador da Civilização cristã, onde tudo é ordenado pela Igreja no plano espiritual e Cristo é declarado Rei no plano temporal, não há brecha para escolas sem Deus. As instituições escolares devem ensinar o Catecismo desde a mais tenra idade, combater a coeducação e reservar os assuntos de sexualidade para as famílias (disse Nosso Senhor: "ai de quem escandalizar um desses pequeninos!"). Quatro são os métodos mais indicados para formar crianças para o Céu e Homens instruídos:

1 – A Educação Clássica – Iniciada por Pitágoras, está fundamentada no *Trivium* (Gramática, Lógica e Retórica) e no *Quadrivium* (Aritmética, Geometria, Astronomia e Música), e eram as matérias da Academia platônica, do Liceu aristotélico e das Universidades medievais. É toda embasada no número e na letra, na ordem e na palavra. O estudo dessas Artes Liberais construiu a Civilização romano-cristã, continuadora direta da cultura greco-romana. Começa a declinar com o humanismo.

2 – A Educação Jesuítica – Inspirada na Educação Clássica e sistematizada no livro *Ratio Studiorum*, foi uma reação contra a pseudoreforma protestante. Teve muitas vitórias e ótimos frutos na catequização de índios no novo mundo, civilizando-os com uma requintada instrução. Sofre um grande golpe após ser proibida

no reino e colônias pelo déspota Marquês de Pombal e substituída pelas chamadas "aulas régias", de caráter laico e enciclopédico.

3 – A Pedagogia Tradicional – Desenvolvida pelo alemão Friedrich Herbart. Sistematizou seu método no livro "Pedagogia Geral" e acreditava no diálogo com a Psicologia. Sua metodologia era a resolução de exercícios, a memorização, tarefas de casa e avaliações com provas arguitivas e escritas. O professor era o modelo e o silêncio imposto com autoridade. Ensinava a liberdade interior para desejar o bem, a plenitude dos valores nobres, a benevolência em relação ao próximo, a justiça e a equidade.

4 – O Sistema Preventivo – Resultado da vasta experiência de São João Bosco, com os jovens. Chama-se preventivo porque colocava os rapazes na moral impossibilidade de cometerem faltas. Seu objetivo era leva-los à perfeição cristã, pelo desenvolvimento somático e psíquico (físico, moral, intelectual e, principalmente, espiritual). Era um método onde haviam castigos (para corrigir o mau uso da liberdade), mas também prêmios (como elogios, para mostrar quando o aluno estava no bom caminho).

Quaisquer teorias e métodos (liberais, tecnicistas, progressistas, renovados, lancasterianos, waldorfianos, construtivistas, histórico-críticos, etc.) que não sejam os quatro supracitados, são problemáticos, porque

retiram a ascendência do mestre ao reproduzirem uma cosmovisão relativista (e niveladora) e superestimarem o experimentalismo, dando uma independência anômica ao discente, enfraquecendo sua vontade (liberando os desejos desenfreados). Urge uma Epistemologia que não deprecie o autodomínio e a introspecção.

A realidade não é um dado interno, nem o conhecimento obtido com a interação puramente empírica. Se a verdade existe somente no intelecto, ou, antes, nas coisas, explica Santo Tomás, de início citando o Bispo de Hipona:

> Agostinho reprova esta definição da verdade: a verdade é aquilo que é visto; porque, então, as pedras, ocultas no mais profundo seio da terra, não seriam verdadeiras pedras, porque não se veem. Também reprova esta outra: a verdade é tal que é vista pelo sujeito, se quiser e puder conhecê-la; pois, se assim fosse nenhuma verdade existiria, se ninguém pudesse conhecê-la. E define assim a verdade: a verdade é o que é. Donde se conclui, que a verdade está nas coisas e, não, no intelecto.

E acrescenta o Aquinate:

> Sendo toda realidade verdadeira, na medida em que tem a forma própria da sua natureza, necessariamente o intelecto conhecente será verdadeiro, na medida em que tem semelhança com a coisa

> conhecida, que é a forma do mesmo enquanto conhecente. E, por isso, a verdade é definida como a conformidade da coisa com a inteligência. Donde conhecer tal conformidade é conhecer a verdade.

A verdade não é uma construção mental, ela pode ser conhecida e é a adequação do intelecto com a coisa, havendo nesta valor intrínseco (e não aquele que a gente dá). O conhecimento se obtém através da sensibilidade e do intelecto, o processo de conhecimento do real parte do Homem e todas as suas faculdades.

Elucida-nos Mário Ferreira dos Santos, que "chama-se 'teoria do conhecimento' à explicação e à interpretação filosófica do conhecimento humano. É este um tema de magna importância e fundamental para a filosofia, e tanto é assim que muitos tratadistas julgam que, por ele, se deve iniciar todo e qualquer estudo."

Concordando com o maior filósofo brasileiro, acrescento que é um tema essencial, da mesma maneira, para o docente. A possibilidade do conhecimento deve possuir uma resposta dogmática para o católico, ao entender que ela é dada pelo contato entre o sujeito e o objeto, com a apreensão do segundo pelo primeiro. Afastando, assim, (1) o ceticismo, para o qual o sujeito não pode apreender o objeto; (2) o subjetivismo-relativista, para o qual a influência do meio determina o objeto, que sofre variabilidades. Limitando ou relativizando a validez do sujeito que

conhece; e (3) o pragmatismo, para o qual a verdade é fundada na sua utilidade para a existência humana.

Quanto à origem do conhecimento, o docente católico deve assumir uma posição intelectualista-realista, que procure

> (...) encontrar um meio-termo entre os extremos do racionalismo e do empirismo. A experiência e o pensamento formam as bases do conhecimento humano. O intelectualismo deriva da experiência dos conceitos, mas estes exercem sua ação sobre as representações intuitivas sensíveis (Mário Ferreira dos Santos).

Quem pode negar que, embora edificante, o estudo é um ato penoso e cansativo? Caso contrário não haveria tanta gente medíocre, confortável com a pouca instrução que de antemão adquiriu. "O bem mais escasso no século XXI não é a água, é a inteligência." (Pierluigi Piazzi). Todavia, a envergadura da um santo não se mede pela quantidade de livros que leu ou escreveu. O nível de santidade não se aquilata pela "vida intelectual", mas pela prática heroica das virtudes. Ser santo é ser herói, não um erudito burguês. Escreveu São Francisco na carta a Santo Antônio de Lisboa: "Agrada-me que ensines sagrada teologia aos frades, contanto que nesse estudo não extingas o espírito de oração e devoção."

São Boaventura, o Doutor Seráfico, falava que a fonte de seus conhecimentos era o estudo de Jesus

crucificado, e que "não basta a ciência sem a caridade, a inteligência sem a humildade e o estudo sem a graça". Certa vez, ao ser perguntado por um frade sobre a necessidade do estudo da Ciência teológica para se salvar, respondeu: "se Deus dá ao homem somente a graça de poder amá-Lo isso basta… Uma simples velhinha poderá amar a Deus mais que um professor de teologia".

"Só amamos aquilo que conhecemos" (Santo Agostinho), porém quem diz que o conhecimento sozinho é salvífico são os gnósticos. Não deixa, com isto, a estudiosidade de ser uma virtude nobre, e ninguém fica mais instruído relativizando todos os "saberes". Tanto que a Lógica e a Epistemologia devem ser as disciplinas propedêuticas para quem busca sabedoria. Há uma alta cultura, e a única forma de adquiri-la é com livros, caderno e caneta em mãos, o bumbum na cadeira, silêncio e boa memória: esta é a atitude verdadeiramente libertadora!

O Primado Petrino

"Os verdadeiros amigos do povo não são revolucionários, nem inovadores, mas tradicionalistas." (Papa São Pio X)

São Pedro foi martirizado em Roma (crucificado de cabeça para baixo) e a Basílica que leva seu nome foi construída sobre seu túmulo. As escavações iniciaram em 1939, confirmando o que já dizia a Tradição: ali de fato estavam seus restos mortais.

Com a conversão de Constantino o cristianismo parou de ser perseguido, mas o primeiro imperador a adotá-lo oficialmente foi Teodósio em 390 d.C., quando a Igreja se expandiu exatamente dentro da extensão geográfica do Império Romano. De todas as igrejas cristãs fundadas na antiguidade, era a de Pedro em Roma, o bispo mais importante, que dava a palavra final. Baseado no próprio Jesus Cristo ("tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela. E dar-te-ei as chaves do reino dos céus. E tudo o que ligares sobre a terra será ligado também nos céus; e tudo o que desligares sobre a terra será desligado também nos céus" – Mateus 16,16), afirmou certa vez Santo Ambrósio: "*ubi Petrus, ibi Ec-*

clesia; ubi Ecclesia, ibi Christus!" ("onde está Pedro, está a Igreja; onde está a Igreja, está Cristo!"). E Santo Agostinho: "*Roma locuta, causa finita!*" ("Roma falou, caso encerrado!").

A questão do cisma entre Roma e Constantinopla se deu por dois motivos: um teológico e outro político. O teológico é que os ditos "ortodoxos" (que não são tão ortodoxos assim, pois se deixaram influenciar por heresias orientais, como o iconoclastismo e a gnose) acreditam que o Espírito Santo procede somente do Pai. Nós acreditamos que do amor do Pai com o Filho, nasce a terceira pessoa da Santíssima Trindade (o "Filioque" estava implícito, e precisou ser expressado contra as heresias que negavam a divindade de Cristo), não havendo hierarquia entre elas, as três trabalham juntas (o Pai cria, o Filho salva e o Espírito Santo santifica). E o motivo político é a veneração aos imperadores locais. Entre essas Igrejas (mesmo elas possuindo Sucessão Apostólica) não há unidade, denominam-se "autocéfalas"[1].

Santo Inácio de Loyola manifestou profunda humildade e obediência quando disse: "acredito que o branco que eu vejo é negro, se a hierarquia assim o tiver determinado". Contudo, o fundador da Companhia de Jesus, não presenciou a apostasia, o cisma e a adesão às heresias (precisamente o modernismo, condenado em 1907 pelo Papa São Pio X na encíclica *Pascendi Dominici Gregis*, como a síntese de todas as

heresias) dessa mesma hierarquia. Como Adão e Eva caíram por desobediência, restauramos nossa condição antes da Queda e amizade com Deus pela docilidade aos Mandamentos divinos e submissão às ordens de todos os superiores, sejam clérigos ou seculares, mas a fidelidade à Igreja nos faz entender, como defendeu Santo Tomás, que é lícito (e um dever) desobedecer a qualquer ordem injusta que nos impeça de confessar a fé católica, comprometendo a nossa Salvação.

A *Pastor Aeternus*, documento do primeiro Concílio do Vaticano, dogmaticamente e de forma infalível, ensina e declara:

> (...) se, portanto, alguém negar ser de direito divino e por instituição do próprio Cristo que S. Pedro tem perpétuos sucessores no primado da Igreja universal; ou que o Romano Pontífice é o sucessor de S. Pedro no mesmo primado – seja excomungado.

A passagem acima é citada *ad nauseam* pelos que creem na continuidade entre a verdadeira Igreja e a falsa do Concílio Vaticano II mas, por desonestidade e malícia, ocultam a integralidade do texto:

> Com o fim de satisfazer a este múnus pastoral, os nossos predecessores empregaram sempre todos os esforços para propagar a salutar doutrina de Cristo entre todos os povos da Terra, vigiando com igual solicitude que, onde fosse recebida,

> se guardasse pura e sem alteração. Pelo que os bispos de todo o mundo, quer em particular, quer reunidos em sínodos, seguindo o velho costume e a antiga regra da Igreja, têm referido a esta Sé Apostólica os perigos que surgiam, principalmente em assuntos de fé, a fim de que os danos da fé se ressarcissem aí, onde a fé não pode sofrer quebra.

E continua:

> (...) o Espírito Santo não foi prometido aos sucessores de S. Pedro para que estes, sob a revelação do mesmo, pregassem uma nova doutrina, mas para que, com a sua assistência, conservassem santamente e expusessem fielmente o depósito da fé, ou seja, a revelação herdada dos Apóstolos.

Mais claro impossível! A Doutrina deve ser guardada pura e sem alteração, e os bispos de todo o mundo reunidos não podem ensinar algo em que haja quebra no depósito da fé. Dos 20 Concílios válidos na história da Igreja, nenhum trouxe dubiedades ou gerou confusão, mas todos esclareceram ou condenaram algo. Nunca foi preciso alguma hermenêutica especial ou elaborada para compreender o que declaravam e definiam, como o Evangelho não ensina nada escondido ou obscuro. De todas as crises em sua gloriosa história, a Crise Modernista é análoga somente à Crise Ariana, por ter sequestrado a sua estrutura, nos fazendo recordar

as palavras de Santo Atanásio em uma carta de 356 d.C. aos fiéis perseguidos:

> Que Deus vos console. Sei ainda que não apenas vos entristece o meu exílio, mas também o fato de que enquanto eles (os arianos) obtiveram as igrejas através da violência nesse, entretanto vós fostes expulsos de vossos lugares. Eles então possuem os templos; vós, em troca, a tradição da Fé apostólica. É bem verdade que eles estão nas igrejas, mas fora da verdadeira Fé; enquanto vós estais fora dos edifícios sem dúvida, mas a Fé está dentro de vós. Consideremos o que é maior, o edifício ou a Fé? Claramente a Fé verdadeira. Quem então perdeu mais, ou quem possui mais? Aquele que detém o edifício ou aquele que detém a Fé? Sem dúvida o edifício é bom, se a Fé Apostólica é pregada lá. Ele é santo se o Santo habita lá.
>
> Porém, benditos são aqueles que pela fé estão na Igreja, habitam sobre os fundamentos da Fé e têm plena satisfação. Mesmo o grau mais elevado da fé, que entre vós permanece inabalável. Porque ela vos chegou da Tradição Apostólica, e frequentemente a execrável inveja desejou destruí-la, mas não foi capaz. Pelo contrário, eles é que se alijaram (da Fé) ao tentar destruí-la. Por isso é que foi escrito: "Vós sois o Filho do Deus vivo", Pedro confessou isso por revelação do Pai, e ouviu, "Feliz és, Simão, filho de Jonas, porque não foi a carne nem

o sangue que te revelou isto, mas meu Pai que está nos céus.

Portanto, ninguém jamais prevalecerá contra a vossa Fé, meus queridíssimos irmãos. Porque se algum dia Deus vos devolver as igrejas (e pensamos que Ele o fará) ainda sem essa restauração das igrejas a Fé vos basta. E, falando sem as Escrituras, devo falar com muita veemência, é bom trazê-los para o testemunho das Escrituras, lembrem-se de que o Templo sem dúvida estava em Jerusalém; o Templo não estava deserto, forasteiros o invadiram, daí também o Templo estando em Jerusalém, aqueles exilados desceram para a Babilônia por decisão de Deus, que os provava, ou melhor, corrigia; enquanto lhes manifestava, em sua ignorância, punição (através) de inimigos sanguinários.

E os forasteiros sem dúvida tinham a posse do Templo, mas não conheciam o senhor do Templo, ao passo que Ele não respondeu nem falou; eles foram abandonados pela verdade. E precisamente uma Fé tão viva supre para vós, por agora, a falta dos templos. Que proveito, então, tiraram eles do Templo?

Pois vejam que aqueles que detêm o Templo são acusados pelos que amam a Deus de torná-lo um covil de ladrões, e de transformar loucamente o Lugar Santo numa casa de comércio e numa casa de negócios judiciais para si mesmos, a quem era

> ilegal adentrá-lo. São essas coisas e outras piores ainda que ouvimos daqueles que vieram de lá, caríssimos. Entretanto, realmente, eles creem possuir a Igreja, mas estão fora dela. E eles julgam-se na verdade, mas estão exilados e cativos e não obtém vantagem da Igreja.

O *Novus Ordo Missae* não é fruto de uma tradição orgânica e bimilenar, foi elaborado por maçons e protestantes, e é antropocêntrico, o foco não é Deus. Criou-se, partindo do nada, uma missa que não convida à introspecção, devoção e piedade. Desde sempre foram feitas alterações na liturgia, mas a Missa que santificou todos os grandes santos permanecia substancialmente a mesma. *Lex orandi, lex credendi* ("a norma da oração, estabelece a norma da fé"), como sintetiza um antigo aforismo; Paulo VI sabia que a falsa Igreja seria inconciliável com a Missa dos Apóstolos (ele mesmo alegou pós-Concílio que "a fumaça de Satanás entrou na Igreja").

O que antes era o Sacrifício por excelência virou uma simples ceia, a Hóstia (que significa "vítima") virou um simples pão, e a fórmula de consagração foi alterada. E o que dizer do altar com a pedra d'ara e relíquia de algum santo mártir, que foi substituído por uma mesa, como nas lojas maçônicas? Se por acaso é uma Missa válida (ainda que ilícita), então seria sacrílega e ainda mais perigosa, pois não só é um rito que desagrada a Deus, Ele estaria realmente

ali em seu Sacrifício incruento sendo profanado e aplaudido.

O liturgismo simplista entende a necessidade de difundir a Missa Romana de sempre, porém insiste em comungar com uma seita. Defender e frequentar a Missa verdadeira vai além de um apego ao passado, é consequência lógica de uma posição teológica correta.

Foi Francisco I, do alto de sua sabedoria mundana e gosto pelos aplausos dos profanos, o "Super-Papa" maior que o Evangelho, mais de 200 Papas anteriores e todos os Concílios? Ele não governou para os fiéis, mas para os anticatólicos, amparado no que a nova Igreja pretende que seja o "Super-Concílio" que anularia todos os anteriores, e até os contradiz. Um novo Papa não funda uma nova religião, como um ditador ou, como pretendem os positivistas, uma Constituição subitamente cria um novo Estado. Leão XIV, embora menos escandaloso e blasfemo, sinalizou que continuará sua obra e governará inspirado por uma religião de apenas 70 anos, não de 2 mil.

Nem o Apóstolo Judas Iscariotes praticou heresias, seus erros foram morais. Erros intelectuais são muito mais devastadores, principalmente quando cometidos por quem diz ser sucessor do Príncipe dos Apóstolos e pastor de almas. São Pedro negou Nosso Senhor 3 vezes, mas ainda antes de receber como missão ser o primeiro Papa. E a admoestação filial de São Paulo não foi contra qualquer heresia sua. Nem os Papas mal

afamados do passado ousaram contestar um só dogma e, quando erravam, prontamente se justificavam.

Deus inspiraria alguém a enganar ou se enganar? Será que certas correntes do "tradicionalismo" são mais inspiradas pelo Espírito Santo que um Papa e, portanto, aptas a decidir se o que ele declara é infalível ou não, obedecendo-o somente quando sentem vontade? Os comandantes da Igreja voltarão a navegar na Arca de Noé, onde quem não entra não se salva, ou seguirão embarcados em uma canoa furada?

A despeito de toda corrupção moral e doutrinária, Roma é e sempre será nosso norte e orientação, a Roma eterna dos mártires e dos santos, como diz o hino do Vaticano. Quem quer que ali esteja que contrarie a Sã Doutrina, renegando a Igreja Católica e Apostólica, independente da posição hierárquica, é um inimigo!

---

[1] Atualmente, existem 23 igrejas orientais *sui iuris* unidas à Roma (da Ucrânia ao Oriente Médio, Armênia, Egito e até na Índia), de rito e espiritualidade próprias (majoritariamente bizantinas), um tesouro católico pouco conhecido. No caso particular dos maronitas da Síria e do Líbano (desde Antioquia, primeira Igreja

fundada por São Pedro), nunca foi rompida essa comunhão. Os católicos orientais não padeceram dos mesmos males da modernidade que nós, guardam ainda sua doutrina, calendário e belíssima Divina Liturgia intactos. Falta-nos redescobri-los e incentivar o reencontro e abraço fraterno entre os Apóstolos e irmãos de sangue São Pedro e Santo André.

Incoerências de quem "Reconhece e Resiste"

Há muitas incoerências e absurdos lógicos em quem decide "reconhecer e resistir" a um Papa que crê válido e legítimo.

A Igreja não está em crise, pois é perfeita, indefectível, mas é clara e cristalina uma Crise Modernista que acomete o clero, pois vemos os frutos do último Concílio (ou conciliábulo). Perda de vocações, falta de fé e confusão entre seus membros e no mundo, que a Igreja deveria conduzir por ser a Esposa de Cristo e mestra da verdade. É o mundo que deve se curvar a ela e não ela fazer concessões e se adaptar às modas dos Homens.

Ficou tão fácil gravar um vídeo no celular e postar na *Internet* que são os leigos se autoproclamando sábios, professores e catequistas (apregoando o que acham que o Espírito Santo os inspira) que definem se determinado ensinamento é infalível ou não, enchendo seus bolsos vendendo cursos (ou de uma doutrina que receberam sem pagar e deveriam transmitir sem cobrar, ou da própria cabeça e mera opinião) às custas daque-

les que estão carentes da Sã e Reta Doutrina. Ninguém entende mais nada, pois muitos largaram os livros e trocaram pelo *Youtube*. Ao ferirem o pastor, as ovelhas se dispersaram. Resta-nos escolher se seguiremos a Religião bimilenar de 20 Concílios ou de apenas 1 único Concílio e 70 anos.

Afirma-se que o segundo Concílio do Vaticano não foi dogmático (portanto não obriga a ninguém), mas todos os pretensos Papas o impuseram aos fiéis, tanto que hoje pode tudo (do carismatismo protestante à teologia da libertação e padrecos galãs imodestos), menos ser católico, sob pena de excomunhão (que é uma verdadeira honra e selo de ortodoxia para quem a recebe).

Esse conciliábulo não só expressou heresias, mas, tacitamente, ao silenciar-se perante os males contemporâneos, os aprovou. Peca-se também por omissão!

A mirabolante tese da "hermenêutica da continuidade" não contempla o fato de que os documentos da Igreja nunca precisaram (em todos os 20 Concílios válidos) de uma interpretação especial de doutores teólogos. Nada do que eles definiam ou condenavam era dúbio ou oculto, acessível apenas aos intelectuais. Todas as heresias que desencadeariam o cisma e a apostasia do Concílio Vaticano II foram já previamente denunciadas e remediadas pelo *Syllabus* do Papa Pio IX e pela *Pascendi* do Papa São Pio X, além de Concílios anteriores e Doutores da Igreja.

Nele há graves despudoradas contradições com os outros Concílios, e certamente verdadeiros Papas do passado excomungariam (e amaldiçoariam triplamente, como São Paulo fez com os gálatas) todos os usurpadores a partir de João XXIII. Para os modernistas, Paulo VI, ao criar uma missa nova (que substitui a fórmula de Consagração pela fórmula do sacrifício judaico) consultando indivíduos anticatólicos, foi infalível, e São Pio V não o foi ao declarar a Missa Romana de sempre inalterável e irrevogável.

Como nos garante sua bula *Quo Primum*, de 14 de julho de 1570:

> Decidimos e declaramos que os Superiores, Administradores, Cônegos, Capelães e outros padres de qualquer título por que sejam designados, ou os Religiosos de qualquer ordem, não podem ser obrigados a celebrar a missa de modo diferente do que fixamos, e que jamais, em tempo algum, quem quer que seja poderá constrangê-los e forçá-los a deixar este missal ou a ab-rogar a presente instrução ou modificá-la, mas que ela permanecerá sempre em vigor e válida, em toda a sua força... Se entretanto alguém se permitisse uma tal alteração, saiba que incorreria na indignação de Deus Todo Poderoso e de seus bem-aventurados Apóstolos Pedro e Paulo.

Ninguém pode ser cabeça do que não é membro, então está fora de cogitação a esquizofrênica tese do "Papa herético" pelos seguintes motivos:

1 – Para ser papa, precisa somente ser homem e católico; não creio que elogiar Lutero e colocar uma estátua dele no Vaticano seja atestado de catolicidade. O Doutor da Igreja São Roberto Belarmino, ensinou que quem foi herege manifesto antes ou depois da sua eleição deixa de ser católico (portanto Papa, perdendo automaticamente seu ofício e jurisdição) e é excomungado *ipso facto* (em consequência do fato), sem necessidade de uma condenação formal, embora posteriormente a Igreja possa julgá-lo e puni-lo.

Os "reconhecer & resistir" caem em uma aporia ao afirmarem que somente um Papa pode depor outro, mas se precisa ser deposto, não é sequer Papa. Um Conclave com os membros dessa contra-Igreja (com falsos Papas, documentos heréticos, sacramentos-placebos, falsos santos e devoções diabólicas – como a da "divina misericórdia") abertamente cismática, nunca elegeria alguém católico. Ela é integrada por apóstatas, que cospem na Cruz vivendo publicamente em pecado mortal, desprezadores da Verdade e recusadores da Graça de Deus, que os odeia e neles deixou de habitar.

Caso esperemos um novo Concílio, haveria o mesmo problema, nada profícuo sairia de um episcopado repleto de canalhas e vagabundos; além do mais, um Papa está acima de um Concílio ecumênico. Pergunto: quando futuramente, por milagre ou uma forma imperfeita, surgir um (bom) Papa, como ele anatematizará

alguém que voluntariamente depôs a si ao se apartar da Fé (ou mesmo nunca a tendo)?

2 – Ser Papa não é apenas exercer um ofício (vestir-se de branco e morar no Vaticano não é o suficiente), mas necessita do consentimento de quem o recebe, desejando assumir a autoridade, que, desde Paulo VI, simbolicamente abrindo mão da tiara papal, nenhum quis assumir, delegando-a à colegialidade. A tendência é uma Igreja cada vez mais horizontalizada, com seu líder de enfeite, pulverizada em sínodos locais.

3 – Todos os Concílios são dogmáticos! Como afirma a *Pastor Aeternus*, que os R&R gostam tanto de citar (apenas a parte que diz São Pedro dever ter "perpétuos sucessores, etc..."), nenhuma reunião de Bispos do mundo todo pode ensinar erros.

4 – Toda declaração é *ex cathedra*. Sentado na cátedra petrina, em escritos ou mesmo em audiências públicas sobre fé e moral, um Papa legítimo é infalível, não exclusivamente de forma muito solene (ou extraordinariamente). Porém, qualquer ensinamento, mesmo ordinariamente, deve transmitir autoridade e doutrina segura (a infalibilidade da Igreja antecede a infalibilidade do Papa) e ser acatado por todos.

Enfim, se for herege, perde o cargo. Se é Papa, o Espírito Santo instrui para não ensinar heresias.

Erra-se como pessoa (por exemplo, Pio IX inicialmente apoiando o liberalismo ou Pio XI, em 1929, ordenando os cristeros a baixarem as armas, firmando acordo com o governo maçônico do México), mas não é possível ser Papa ao mesmo tempo que herege manifesto. Quem nega um só dogma se aparta da Fé.

A Igreja não se encerra na hierarquia, ela se perpetua no *sensus fidei* dos fiéis professos, ainda que voltemos às catacumbas; uma capela na garagem de uma casa ainda é a Igreja. Prova disto é que nunca nenhum dogma foi inventado, antes de serem proclamados, eles foram amplamente cridos pela devoção popular.

Vivemos a Paixão da Igreja, com seu corpo visível eclipsado, e um verdadeiro mistério, em que todos os laxos sucumbirão. A maioria de nós tem mais perguntas que respostas, e, em certos momentos, é necessário suspender qualquer juízo, mas, antes de saber o que devemos aprovar, saibamos intransigentemente condenar e denunciar os assassinos de almas, que, de tão atormentadas pelo fogo eterno, em vão implorarão para serem aniquiladas.

Quanto mais responsabilidade no zelo pela salvação das almas, mais duramente eles serão cobrados e castigados por Deus. Se para Santo Tomás, a pena de morte era justificada para quem coloca em risco a integridade física do próximo, porque, segundo ele, "mais vale a paz de (toda) uma cidade, que a vida de um (único) homem", imagina, então, para quem leva multidões

inteiras à perdição, ameaçando não a vida natural do corpo, mas a sobrenatural da alma.

Santo Afonso ensinou que

> (...) o que vive mal não pode tolerar os que vivem bem, porque a vida destes é para ele uma contínua repreensão e, por isso, deseja que todos lhe sigam o exemplo, a fim de atenuar o espicaçar do remorso causado pelo procedimento cristão dos demais.

Os ímpios acham que excusarão suas vidas de vícios mudando a Doutrina, mas dogmas não "evoluem" e Deus é imutável e não se engana. Ele é o único com a verdade subjetiva, criador da realidade, e deu-nos o intelecto para apreendê-la e conhecer a Sua Santa vontade.

Em grave contradição, aqueles que "reconhecem e resistem" acendem uma vela para Deus e outra para o Diabo, forçando aceitação e inserção em uma Igreja em que não são bem-vindos, desonrosamente implorando suas migalhas. Não há como permanecer católico dentro dessa estrutura aparelhada, sem fazer concessões correndo o risco de se danar.

É impopular e não gera receita assumir que a Sé de Pedro nunca esteve tanto tempo vacante, mas no Reino dos Céus, que não é uma democracia que entra quem quer, e sim uma monarquia absolutista, não há espaço para frouxos e efeminados. Na mesma medida que negarmos Nosso Senhor, seremos por Ele negados:

"nunca vos conheci. (...) Apartai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno, reservado para o Diabo e seus anjos!" (Mateus 25,41).

Sucedendo Francisco I, que morreu impenitente e sem uma gota de arrependimento, um herege contumaz que amava chafurdar na lama do mundo e rodear a merda que nem mosca, qualquer um parecerá conservador ou tradicionalista.

Vimos o gáudio dos incautos com uma oração em latim, um crucifixo de ouro e alfaias tradicionais, e agora assistiremos como agirão os R&R a partir do 4 de outubro de 2025, quando saiu a Exortação Apostólica de Leão XIV *Dilexi Te*, seu primeiro documento, que sinaliza qual será a temática do seu pontificado (a absoluta perversão da Doutrina Social de seu homônimo antecessor, Leão XIII). E aí, atenderão eles aos clamores revolucionários do Vigário de Cristo? Ou instigarão a insubordinação e um motim contra o Papa legítimo?

O Mínimo sobre a Política Católica

"E, quanto àqueles meus inimigos que não quiseram que eu reinasse sobre eles, trazei-os aqui e matai-os diante de mim." (Lucas 19,27)

Ocorreram três grandes rupturas com a ordem cristã medieval (Cristandade): a primeira foi a pseudoreforma protestante clerical, em sua revolta contra a Igreja; a segunda, a Revolução (anti) Francesa burguesa, em sua revolta contra Cristo; e a terceira, a Revolução Russa plebeia de operários e camponeses, em sua revolta contra Deus. Hodiernamente, assistimos à quarta ruptura, fomentada pelo que Karl Marx chamou de *lumpemproletariado*. Para ele, uma classe alienada abaixo do operariado, formada por pessoas sem valores, como criminosos, prostitutas, pederastas e vagabundos.

Convergindo a "teoria crítica" da Escola de Frankfurt com a revolução sexual e o Maio de 68 da Sorbonne, nasceu o "*wokismo*" alçando toda a sorte de delinquentes à condição de classe revolucionária e futura dirigente da nova sociedade.

Surpreendentemente, os ideais de Marx e Stalin tornam-se obsoletos e reacionários quando consideramos

as censuras de Engels ao que ele se referia como "repugnantes práticas de pederastia", ou conhecemos o tratamento dispensado a todos os sodomitas na Rússia bolchevique e na Cuba pós-Fidel.

A Igreja não assume qualquer ideologia pré-definida, mas ela nos instrui (com o seu poder de docência) sobre o que devemos reivindicar nesse âmbito, tanto quanto o que devemos condenar.

Ela sempre preferiu regimes que favoreciam a continuidade da sua existência. Tanto regimes liberais como marxistas perseguiram a Igreja. De Napoleão a Plutarco Elias Calles. Dos sovietes ao Juche. Igualmente aos socialistas materialistas, liberais coerentes também rechaçam o catolicismo. E ambas as posições são expressamente condenadas pelo Magistério.

Todos os ramos do conhecimento humano devem se submeter à Teologia, que é a ciência mais elevada e excelente. Portanto, fundamentada nela, a Igreja de Cristo expressou sua visão de como proceder minimamente na Política, no Direito e na Economia.

Na Política:

O estado deve ser confessional. Estado confessional não é teocrático, pois há diferenças nas funções do clero e do laicado. Mas Igreja e estado devem andar juntos (simbiose entre altar e trono). Cristo é o Rei da Criação e de todas as nações, mesmo das não católicas, ainda mais das majoritariamente cristãs.

Não se separa o crente do "cidadão". É impossível ser cristão em casa e mundano em nossos deveres de estado. A Verdade deve ser anunciada e imposta em todos os ambientes: na escola, no trabalho ou em um parlamento. Embora a Igreja não opte por qualquer forma determinada de governo, o salazarismo, o franquismo e o austrofascismo de Dollfuss foram exemplares.

No Direito:

O erro não possui direitos. As leis devem se basear no Decálogo e no Sermão da Montanha.

O Direito moderno, principalmente a partir do iluminismo, se tornou o que Alceu Amoroso Lima (em sua boa fase) chamou de "cadavérico" (um Direito apenas positivado e sem alma). Em Hans Kelsen ele atinge o ápice do positivismo. Não se pode confundir legalidade com legitimidade. Não é porque algo foi escrito que se torna automaticamente justo.

Positivar uma lei não a torna subitamente condizente com a moralidade. "A letra mata, mas o espírito vivifica" (2Corintios 3,6), então não caiamos no legalismo ingênuo e engessado.

Por exemplo, a Constituição Federal de 1988 (dita "cidadã"), que, das 8 que tivemos, foi a pior. Mais problemático que ela é o próprio conceito de "Constituição". O que constitui a nação é aquilo que naturalmente se harmoniza com a origem e os anseios de seu povo, e não algo artificial, imposto somente porque foi escrito.

Os positivistas dizem que uma Constituição cria um Estado (com "E" maiúsculo), e estão errados.

Na Economia:

De todos os ramos do conhecimento humano, é o menos excelente e necessário (o homem é mais que um consumidor que trabalha para satisfazer sua potência digestiva), e não pode ser o ponto de partida para interpretar os outros.

A Doutrina Social da Igreja não foca no indivíduo (diferentemente do conceito de "pessoa", que requer alteridade, constante interação com o outro, utilizando a responsabilidade para exercer a sua liberdade, que não é absoluta), nem na coletividade (que absorve a personalidade no maior número do homem massa), mas na família, que é a *cellula mater* da sociedade.

O estado deve ser subsidiário, ou seja, só entrar onde não forem possíveis os corpos intermédios, como as corporações de ofício e os municípios.

As corporações de ofício são as autênticas representações das classes profissionais, nada mais natural do que nos reunirmos com quem exerce a mesma profissão. O liberalismo, ao extingui-las, deu margem à criação do conceito marxiano de «classes sociais», em que a sociedade é dividida entre os que têm mais e menos posses. As classes profissionais unem patrões e empregados para o bem e melhoria de cada profissão.

E o município é a a *cellula mater* da nação, uma reunião de famílias.

A Igreja defende radicalmente o direito de propriedade (como dizia G. K. Chesterton: «é melhor muitas famílias com pouca propriedade do que poucas famílias com muita propriedade» - e quem conhece o caso dos Rothschilds e Rockefellers sabe ao que ele se referia). Mas ela também não é absoluta e deve estar submetida ao bem comum.

O estado é uma entidade jurídica e necessária (e menor deve ser na medida em que for laico ou ateu), podendo entrar na economia para acabar com cartéis, *trusts*, *holdings* e monopólios em geral.

***

Considerava o jurista Carl Schmitt, que o fim do conflito político é a eliminação física do inimigo. Não existe diálogo possível com quem é hostil à verdadeira fé, como protestantes, liberais e marxistas. Ao contrário do que pregam os sufragistas e membros de partidos políticos, acostumados a tratar seus opositores apenas como "adversários" – e acabando a sessão parlamentar, todos comem na mesma mesa.

Combatamos pela boa Política, reunidos em uma frente ampla patriótica, como na Guerra Civil Espanhola, uma genuína Guerra Santa para vencer o que a Igreja chamou de "terror vermelho", inspirados pelo

santo guerreiro lusitano Nun'alvares, que, antes de cada batalha, osculava o solo de sua terra.

Amar a pátria é obrigação do católico, pois ela, como o nome já enuncia, é a terra de nossos pais, e honrar pai e mãe é o quarto Mandamento da Lei de Deus. Ninguém nasceu por acaso neste nosso território e neste século, pelo batismo somos convocados para uma *Gesta Dei per Brasiliensis*; sem embargo, o confronto se dá, antes, no plano espiritual e invisível. Estamos obrigados a escolher entre permanecer acorrentados à ignorância e à concupiscência, ou a vestir o elmo da Fé e empunhar a espada da Verdade contra os espíritos imundos dos principados e das potestades (os príncipes trevosos que se creem donos de certos territórios e as mentes superiores que elaboram as ideologias e tendências deletérias, respectivamente).

Crítica ao Estado Laico

O estado brasileiro é laico, mas não é ateu, nem agnóstico. Nosso tipo de estado adota oficialmente uma posição neutra e imparcial no campo religioso, não apoiando, nem discriminando, quaisquer crenças religiosas ("salvo se alguém as invocar para eximir-se de obrigação legal a todos imposta e recusar-se a cumprir prestação alternativa, fixada em lei." – Art. 5°. VIII CF/88).

Diferentemente da Constituição Imperial de 1824 (diga-se de passagem, a melhor e mais longeva das 8 que tivemos), que determinava o catolicismo como religião oficial, a "Constituição Cidadã" de 1988 não é confessional. Segundo dados do IBGE de 2013, o Brasil é a maior nação católica, com 127 milhões de fiéis, o que equivale a 65% da população do país e aproximadamente 12% dos católicos do mundo. Para o nosso "Guardião da Constituição", o Supremo Tribunal Federal, a simbologia cristã utilizada em locais e órgãos públicos (inclusive o crucifixo dentro da própria

"Suprema Corte") possui um caráter exclusivamente cultural, se assemelhando a um mero adereço decorativo, como um quadro ou escultura.

O estado confessional é aquele que privilegia uma determinada religião, mas o poder secular predomina. Por sua vez nas teocracias, as decisões políticas e jurídicas passam pelas regras da religião oficial adotada, como na Arábia Saudita, no Irã e no Vaticano. Em alguns casos, os governantes e juízes são controlados pelo clero.

O estado laico tem sua gênese na Revolução (anti) Francesa, que foi uma revolta de Homens vulgares, comandada pela burguesia maçônica, com o intuito de destruir a forma de governo mais natural e perfeita, a monarquia, que, como dito por Santo Tomás, mesmo degenerada, é o melhor dos regimes. O principal pilar da ideia de estado laico é o igualitarismo. Ora, não há na natureza uma só folha igual a outra, muito menos igualdade absoluta entre os Homens, com toda sua complexidade e personalidade única inerente a cada indivíduo. A natureza é hierarquizada e, acima de tudo, mantida e ordenada por um Hierarca Supremo.

Tudo ao nosso redor demonstra isso, a Criação nada mais é que uma casa de espelhos que reflete um Criador sábio e lógico, distinto do próprio mundo. Não há nada criado (e tudo, visível e invisível, foi criado do nada, sem matéria preexistente. O Homem só é capaz de manipular a forma) que não estivera antes no Seu intelecto, seja mineral, vegetal, animal, Homem ou anjo.

O absolutismo monárquico (como o de Luís XIV) nunca foi aprovado pela Igreja, pois ambas as instituições devem andar juntas, havendo unidade de interesses entre autoridade civil e religiosa. O estado laico se torna ainda mais perigoso quando é comandado por leis genéricas, elaboradas para satisfazerem as classes de ressentidos e ofendidos, genocidas em potencial, prontos para destruírem todos os fundamentos espirituais e culturais de uma civilização. Na diversidade promovida pelos igualitários, só não há espaço para brancos, héteros e católicos.

É justo submeter uma esmagadora maioria, interferindo diretamente em suas vidas (incluso na educação de seus filhos) e modificando leis, somente para atender aos interesses de uma minoria insignificante numericamente? Equipara-se ao animal quem possui como maior motivo de orgulho a forma pela qual escolheu coitar, no fim das contas não nos resumimos à nossa carcaça corporal com suas necessidades fisiológicas.

O animal sabe somente buscar o prazer e fugir da dor, mas o Homem que regra suas paixões e submete seus sentidos à razão, respeitando a natureza, entende que há prazeres que devem ser evitados e dores que devem ser buscadas. A correção política é um ideal imperialista para destruir nossos alicerces. O mais importante para os grupos majoritários que não são contemplados pelo lobbismo igualitarista é não se

sentirem culpados, nem pedirem perdão pelo que são. Falar a verdade hoje, "onde a grama não é mais verde" (G. K. Chesterton), é ser visto como inimigo mortal pelos emissários da horizontalidade, do nivelamento das relações.

O nosso estado é laico, porém ele prefere submeter seu ordenamento jurídico aos planos transconstitucionais inspirados na "Liga das Nações" kantiana, irradiados de um vigilante todo-poderoso como a ONU, propagador de um ideal liberal-burguês, onde a última palavra vem do conceito subjetivo e generalista de "humanidade", colocado acima do topo da "pirâmide de Kelsen"; ordenamento jurídico esse que não representa a maioria romano-cristã da nossa população. Para o conservador inglês Roger Scruton

> (...) ninguém tem o poder para vigiar esses vigilantes, já que a cadeia de prestação de contas que permite que os cidadãos comuns os removam do cargo foi eficazmente rompida. Em suma, a prestação de contas é um subproduto natural da soberania nacional que é posto em perigo pelo governo transnacional.

"*Quis custodiet ipsos custodes?*" ("Quem vigia os próprios vigilantes?"), perguntou o poeta romano Juvenal. Segundo o jurista alemão Carl Schmitt

> (...) a Humanidade não é um conceito político. A Humanidade das doutrinas fundadas sobre o

> direito natural, liberais e individualistas, é uma construção social ideal de caráter universal, ou seja, englobando todos os homens da terra. Esta sociedade universal não conhecerá mais os povos. O conceito de Humanidade é um instrumento ideológico particularmente útil às expansões imperialistas e, sob a sua forma ética e humanitária, é o veículo específico do imperialismo econômico.

Nossa atual Constituição, assim como a maioria das Constituições dos países ocidentais (ou ocidentalizados), não é soberana, acima dela estão princípios alógenos formalizados em tratados e convenções internacionais, impostos sob ameaças de sanções. O plano é, sem ocultar a ninguém, desavergonhadamente, reduzir cada vez mais as distâncias e diferenças jurídicas, elaborando uma única Constituição para todos os países de cada continente e, no futuro, uma só que abarque toda a Terra, sem respeitar tradições, culturas, religiões e línguas. Há igualmente um plano universalista no âmbito econômico, com uma moeda única.

***

É fato consumado que os africanos sempre conheceram a escravidão. Os escravos que vieram ao Brasil eram criminosos e marginais, além de prisioneiros de guerra, escravizadas por tribos mais fortes (por exemplo, os bantus até hoje escravizam os pigmeus), vendidos pelos próprios comerciantes africanos

mesmo. Os europeus também foram escravizados, por muçulmanos durante quase um milênio, porém ninguém se importa. A colonização europeia no Brasil não foi assim tão sem proveito quanto a nossa *intelligentsia* reinante afirma.

Os portugueses encontraram aqui indígenas ágrafos (foi São José de Anchieta quem escreveu a primeira gramática da língua nativa), vivendo na Idade da Pedra, ou seja, não conheciam a roda nem o metal, mas, graças aos jesuítas, em poucas décadas já falavam latim e produziam arte sacra. De um povo que não conhecia a roda e andava arrastando as coisas (sem citar a antropofagia, o infanticídio, etc.) para um povo que lia Filosofia greco-romana e falava a língua de Camões e o latim, creio que há nisso um relativo progresso. O proselitismo é a maior forma de caridade, quem ama verdadeiramente deseja retirar o irmão das garras do Diabo. Na história, nenhuma conversão massiva de bárbaros, infiéis ou hereges foi imposta, ninguém creu forçado, mas em decorrência do exemplo de vida e superioridade moral e cultural dos colonos cristãos.

Independente do assunto da vez, da política do dia, do novo "meme" que "viralizou" (não soframos da coceira na língua que atiça irresistivelmente a opinar sobre tudo o que acontece, no momento que acontece), estejamos estoicamente impassíveis aos assuntos da moda. Quando quisermos saber as novidades é só abrir os livros patrísticos, pois são sempre os mesmos

erros que se repetem: o relativismo sofista e o antropocentrismo gnóstico.

Ou então o livro de Apocalipse, que está cada vez mais fácil de decifrar. Mas recentemente as palavras mais ouvidas são "racismo" e "democracia", e por acreditar que isso durará por um longo período, aproveitando que ainda é lícito, creio necessário tecer um breve comentário sobre estes que são os dois temas mais importantes para a concretização da Nova Ordem Mundial: (1) a destruição da raça branca com a revolta violenta das outras raças e de brancos cúmplices. Hoje a raça mais exaltada é a negra, mas o objetivo é a mestiçagem completa, exceto dos judeus (o povo mais racista do mundo). E (2) a instauração universal de um governo único, que imponha a democracia liberal a todos os países da Terra (comandados pela ONU, organização internacional de líderes não eleitos), com uma Constituição universal única, uma moeda universal única e uma religião também única (o noeísmo da Sinagoga de Satanás), tendo um falso Papa como cabeça.

É a tão sonhada "fraternidade universal" para a "paz perpétua" que surgirá após todas as culturas e povos se uniformizarem. Por trás estão judeus, maçons, banqueiros e as ONG's eugênicas que visam, usando a desculpa de serem "científicas", legalizar o aborto e desenvolver vacinas batizadas para a redução da população mundial, para mais facilmente ser dominada. Daí o ambientalismo psicótico e seu malthusianismo

falacioso. Todos os supremacistas negros e democratas extremistas trabalham para essa agenda.

Vidas negras importam, mas observe o que era a Europa há mil anos e o que é a África hoje. Toda a história africana está banhada pelo sangue jorrado em guerras fratricidas, viver naquele Continente é extremamente difícil. Respeito não se impõe na marra e com violência, respeito se conquista. Culpar os outros é a rotina dos complexados, que precisam frequentemente se autoafirmar, sejam eles negros, *gays*, gordos, etc. Os militantes supremacistas da raça de Cam geralmente só encontram uma solução: querem que todos sejam iguais a eles, os que diferem devem desaparecer ou morrer. O negro racista coloca na conta do branco todas as suas mazelas, na colonização principalmente (em verdade, a terra é de quem conquista!), mas o que deveria ser considerado pelo antropólogo não determinista (que, geralmente branco, gosta de impor aos negros e índios o que eles devem ser), é que ela é parte do processo evolutivo.

A espécie humana não está em constante evolução, desde que desceu das árvores? Não são os mais aptos que sobrevivem? Então ou se assume que o negro é inferior (o que é equivocado, porque todos descendemos de Adão e de Noé), ou se abandona a hipótese evolucionista, que é racista. Mas abandoná-la é abandonar o "progresso" e reconhecer um Artífice Supremo inteligente. O que não se fala é que a escravidão, vergonhosa-

mente uma instituição de todos os povos da Terra (tipicamente pagã, extinta na "Idade Média" e ressurgida no "Renascimento", com sua tentativa patética de imitar a Antiguidade), ainda existe na África. Negros não eram escravizados por serem negros, mas por serem vendáveis, como foram os bugres brasileiros para os bandeirantes (entre eles cristãos novos e caboclos). Aqui alforriados escravizavam, e houve escravizados brancos.

Hunos saquearam e mataram europeus. Portugueses estiveram 800 anos cativos dos mouros em sua própria pátria. Armênios foram massacrados pelos turcos, em um genocídio nunca reconhecido pelos algozes, maior que o "Holocausto". Russos mataram em torno de 5 milhões de ucranianos de fome (*Holodomor*). Japoneses, italianos e alemães foram brutalmente perseguidos pela política de estado varguista, etc... Esta é a história da humanidade: contatos e/ou misturas. Não brancos e judeus são os únicos que podem se orgulhar da própria origem. Mas quem expõe isso é racista. Racista! Fascista! E eis o Homem neomoderno numa guerra de narrativas onde o que mais se repetem são *slogans*. Sim, vidas negras importam, e passarão a importar mais na medida que abandonarem o animismo mais tribal e sensualizado, produzirem alta cultura e pararem de matar nas cidades, nos campos, na América, na Europa e na África (os seus e os bôeres).

Nesse clima de guerra racial, não peçamos perdão pelo que somos e pelo o que não fizemos. As causas

"identitárias" trabalham para a burguesia e o grande capital, são pautas de uma minoria barulhenta. O pobre, a maioria silenciosa, que não tem o monopólio das cátedras universitárias e da mídia (que impulsionam diretamente a cultura - e mais recentemente a propaganda querendo ser a educadora das massas), está mais preocupado em preservar seu trabalho, sua família e sua religião. Quem se interessa por raça, classe, "gênero", feminismo (que tira a mulher da submissão ao marido para entregá-la ao patrão, transformando-a de rainha do lar à escrava do mercado) e *tutti quanti* são idiotas úteis ao sionismo e suas ONG's milionárias.

Quem não sabe disso não conhece o básico, o mais trivial a respeito de como caminha o mundo ou sobre o punhado de gente que o governa, estando condenado a pastar (como um cadáver, hoje a Terra não passa de um pasto de vermes) e ser tocado ao abate *kosher*, oferecido em holocausto sem perceber, existindo apenas para engrossar uma massa pestilenta sem essência e personalidade. A cura é somente uma: a intransigência no absoluto, manifestado em tudo o que é ordenado e hierarquizado, visto que não há nada mais desigual que a própria natureza.

***

A reação contra esse declínio da nossa Civilização, deverá vir portando o lábaro do Direito Natural integral, banindo o kantismo e o positivismo kelseniano.

Não se separa a ética da moral, nem o Direito da ética. Esta é o hábito (*ethos*) de praticar o bem e agir virtuosamente. O positivismo leva em conta apenas o que está escrito, sem dar importância às origens de um povo. Como ensinou José Pedro Galvão de Sousa:

> (...) o contrato social concebe o povo não mais como um conjunto de famílias e outros agrupamentos, mas como massa amorfa dos indivíduos ou 'cidadãos'. (...) As constituições escritas se elaboravam sem levar em conta a formação natural e histórica dos povos. Esquemas de organização política eram importados por algumas nações seguindo o figurino da moda. O Estado deixava de se amoldar à constituição da sociedade, para se organizar artificialmente.

Sejamos anticonstitucionalistas, antiparlamentaristas (o parlamentarismo inglês é um modelo que nos é estranho), autoritários (não totalitários, divinizadores do estado), corporativistas e municipalistas. A preservação da família (*cellula mater* da sociedade), do município (*cellula mater* da nação), da corporação de ofício (verdadeira representação de classe) e da propriedade privada (trabalho acumulado), devem ser a prioridade de qualquer regime integral, orgânico e realmente democrático.

Uma constituição escrita, como um contrato impositivo de baixo para cima, não passa de uma

monstruosidade despótica, idealizada, mas nunca integralmente seguida, onde os déspotas são os legisladores.

> A justiça não é suscetível de se amoldar a fórmulas escritas, e toda lei escrita revela-se injusta na sua aplicação. Isso porque o mundo dos homens, ao qual deve se aplicar o direito, está em perpétuo movimento, ao passo que a lei é rígida (Michel Villey).

O Direito não é fruto da legalidade (geralmente confundida com legitimidade), mas busca alcançar a máxima justiça, mesmo se necessária a desobediência civil. A Lei Natural é inerente a todo Homem que acredita ser preciso sujeitar seus sentidos e instintos, e o Direito Natural é imutável alicerçado na Metafísica.

A liberdade negativa (ausência de restrição) kantiana é um voluntarismo bárbaro que não consegue coexistir com a moral. E o desprezível e ditatorial conceito de "humanidade" é absurdo para todo aquele que ama sua herança ancestral.

***

"O estado é laico!" Vociferam os arautos do caos. A Constituição de 1988 está submetida a valores estrangeiros, mas o Código Penal, mesmo em conformidade com a "Carta Magna", reza o que todos preferem esquecer: a discriminação religiosa é crime! Está no Art. 208 do CP: "Escarnecer de alguém publicamente,

por motivo de crença ou função religiosa; impedir ou perturbar cerimônia ou prática de culto religioso; vilipendiar publicamente ato ou objeto de culto religioso: Pena – detenção, de um mês a um ano, ou multa." Desta lei, que prevê sanção penal, ninguém se lembra quando o objeto de culto vilipendiado é cristão (a religião "opressora"), menos ainda quando sofremos um verdadeiro massacre, com em torno de 100 mil assassinatos por ano no mundo[1]. E chamam "arte" colocar um crucifixo no ânus ou escrever obscenidades em Hóstias consagradas...

Muito do preconceito anticatólico vem da elite pseudointelectual dita "científica" que, decrépita e carcomida, pulula as cátedras das Universidades. Ciência significa substituição constante de ideias, o que não acontece na Academia desde a penetração da "teoria crítica" e das exigências do Maio de 68, transformando esse sistema educacional no mais reacionário e dogmático do planeta. Desafio quem já viu alguma conferência ou congresso sobre marxismo, freudismo ou "direi-tos humanos" abertos ao contraditório, possibilitando uma condução dialética do tema. A *nomenklatura* brasileira encontra-se confortável como sempre, soberana, influenciando diretamente a mídia e em consonância com os ideais universalistas, multiculturalistas e ateus.

O que está em jogo é a nossa sobrevivência, como pessoas e como famílias. Nesse tabuleiro de xadrez, os peões se revoltaram contra o rei, tendo unicamente os

Bispos para defendê-lo! A ação cultural e política com o resgate de nossa história e o rechaço ao neomodernismo devem ser as prioridades daqueles que permaneceram mentalmente sãos, os últimos da espécie.

[1] http://g1.globo.com/mundo/noticia/2013/05/cem-mil-cristaos-sao-mortos-por-ano-por-razoes-ligadas-a-fe-vaticano.html

As 3 Formas de Estados Fascistas

"Não há outra opção: ou a revolução espiritual, ou o fracasso do século. A salvação do mundo está na vontade das almas que tem fé." (Léon Degrelle)

O fascismo e o nacional-socialismo são congêneres, fenômenos análogos, mas não iguais. Via de regra há três tipos de terceira posição (sendo a primeira posição o liberalismo, e a segunda o socialismo): o fascismo original estatista, o racista (*völkisch*) e o religioso (ou fascismo clerical). Todos sintetizando tradição e revolução, e nutrindo um ódio extremo ao circo parlamentar.

Esse terceiro-posicionismo pode ser chamado também de "ideologia transversal", porque assume um nacionalismo de esquerda e um socialismo de direita. Enquanto a direita clássica possui raízes liberal-burguesas e a esquerda clássica raízes socialista-plebeias, o fascismo nasce de uma concepção de mundo aristocrática, sem o "estado mínimo" do primeiro caso e a "luta de classes" do segundo (abolindo o conceito de "classes sociais" marxista e resgatando o de "classes profissionais" medieval). Foi o sindicalismo de Georges Sorel, com seu culto à violência política e sua proposta de um

socialismo não internacionalista, a principal inspiração não só de Mussolini, mas também de Lênin e até do *Cercle Proudhon* do monarquista francês Charles Maurras.

A nação é criação divina, pois é raça, cultura, religião, língua, território, etc. O estado é criação humana, pois é uma entidade jurídica, sem deixar de ser, ao mesmo tempo, o desdobramento natural de uma coletividade que se organiza, devendo conciliar as classes e interesses pelo bem comum.

No primeiro tipo de fascismo o Estado é total, abarcando a própria nação e todas as classes (famílias, corporações, municípios, etc.). É um Estado hegeliano, que crê que somente ao ser educador e ético pode fazer frente ao individualismo atomista. O mote é "tudo no Estado, nada contra o Estado, nada fora do Estado".

No segundo, o Estado está submetido à comunidade (racial). É autoritário, porém não totalitário; prussiano, mas democrático (não esqueçamos que Hitler chegou ao poder nos braços do povo) e popular. Um camponês pode possuir uma índole tão aristocrática quanto um rei de "sangue azul". É para a defesa da origem ancestral e do solo que se funda um Estado paternalista e punidor da usura judaica (a ganância do judeu carrega um aspecto também espiritual).

No terceiro, se desconfia do estado (com "e" minúsculo), pois ele deve ser confessional e guiado pela Teologia. As corporações de ofício são organizadas de forma horizontal, seria um regime onde Cristo é Rei, e

o líder nacional apenas uma contingência. Há em suas fileiras uma grande simpatia pela diarquia, a convivência pacífica entre um monarca e um caudilho.

O fascismo no *stricto sensu* foi um regime histórico implementado na Itália, mas no *lato sensu* é um estilo (com sua estética própria) e uma forma combativa de encarar a vida (desprezo pela morte e amor à guerra) que, segundo o próprio Mussolini, embora seja um fenômeno europeu, pode surgir em qualquer país do mundo.

Apologia da Castidade

"Ó santa pureza, és o templo do Espírito Santo, a vida dos Anjos e a coroa dos Santos!" (Santo Atanásio)

Após criar o homem e a mulher Deus ordenou que crescessem e se multiplicassem. Segundo a ordem natural, o ato sexual tem como finalidade a reprodução, sendo o orgasmo prêmio da fidelidade matrimonial. O matrimônio não visa a satisfação pessoal de qualquer das partes, mas é uma tarefa de muita abnegação, que transforma o casal em uma só carne, dando ao mesmo a possibilidade de povoar o mundo com seres melhores e mais aprimorados em caráter e virtudes.

Embora, dependendo do caso, a castidade possa representar uma atitude egoísta, acontece de forma semelhante com o matrimônio, se vindo de um desejo exagerado e desordenado. Para quem não consegue abandonar a imoralidade sexual, o Apóstolo Paulo aconselha, em 1Corintios 7, que se case.[1]

Aos com tendências à homossexualidade e suas práticas, a Igreja chama ao celibato, o voto de castidade perpétua.

Dois Mandamentos do Decálogo tratam da sexualidade: o sexto e o nono. Antes de ser bom e misericordioso Deus é justo, ele perdoa nossos pecados somente quando nos arrependemos.

Nota-se um descaso do clero progressista ao omitir a importância do arrependimento e crê-lo desnecessário até mesmo no novo sacramento da Confissão, onde se costuma dar conselhos mundanos e libertinos sem base na Teologia Moral ou no Catecismo modernista de 1992. Nosso Senhor Jesus Cristo não veio aos bons, nem aos puros, Ele veio aos sujos e proscritos, aos perdidos e insensatos ("os sãos não precisam de médico" – Mateus 9,12). Ele ama os sofredores, mas desde que contritamente Lhe peçam perdão!

O matrimônio é indissolúvel (salvo contemple os pré-requisitos para nulidade, segundo o Código de Direito Canônico de 1917), pois o Homem não deve separar o que Deus juntou. A fornicação e o concubinato são malvistos por Deus, e quem os pratica está em pecado mortal, que se caracteriza pela desobediência a qualquer Mandamento do Decálogo. Como disse São Luís Maria de Montfort: "há menos eleitos do que se pensa, só os corajosos e os violentos arrebatam o céu de viva força; ninguém será lá coroado se não houver combatido legitimamente, segundo o Evangelho, e não segundo a moda. (...) Estes pertencerão ao pequeno rebanhozinho que segue Jesus Cristo em lágrimas, em penitências, em orações e em desprezo do mundo."

Posto isso, após afirmações que provavelmente causam repugnância a qualquer hedonista moderno, filhote do protestantismo, da psicanálise e do marcusianismo, quero afirmar que o católico combatente, integrante da Igreja militante, possui uma cosmovisão inalcançável aos pensamentos da moda, fincada na rocha que é a Tradição, encontro entre a Revelação dos semitas e a Filosofia dos jônios, e vê o mundo, ao contrário do progressista com seu "progresso contínuo e indefinido", sofrer um vertiginoso processo de decadência que é imparável. O católico percebe que, pelos sinais da História, muito em breve o que atende pelo nome de "ser humano", rastejará como um animal repulsivo, escravizado irremediavelmente pelos sentidos, como uma cadela no cio.

O que hoje se chama "Homem", é um ser que dorme, que, mendigando liberdade e direitos (o direito de alguém, requer do dever de outrem), nada mais faz do que comer o próprio vômito. Todos opinam, as bocas se movem, mas só se escutam grunhidos e flatulências vocais. A *Internet* democratizou a barbárie, nada se extrai de lógico, consistente e relevante dos cérebros entorpecidos pelas promessas kantianas de paz e felicidade universais. "Não somente todo mundo dorme" – disse Léon Bloy

> (...) mas de tanto dormir, todo mundo tornou-se cego, mesmo em seus sonhos, de modo que só poderia despertar às apalpadelas, com um

> medo horrível de ser subitamente precipitado nas profundezas.

O "peregrino do absoluto" também constatou o que bem percebem todos os justos:

> (...) é aterrador pensar que subsistimos em meio a uma multidão de mortos que parecem estar vivos; que o amigo, o companheiro, talvez o irmão, que vimos pela manhã e que reveremos à noite tem apenas uma vida orgânica, uma aparência de vida, uma caricatura de existência e que mal se distingue, em realidade, daqueles que se liquefazem nos túmulos.

A castidade nos aproxima dos anjos e nos torna deuses. Os anjos, por não possuírem os sentidos, pois são puro Espírito, são virtuosos por natureza e não precisam combater como nós ordenando as paixões e submetendo a carne à razão. Homens divinizados, na Vida Eterna, são venerados pelos anjos, pois são vitoriosos que passaram por provações impensáveis antes de triunfarem entre os eleitos.

A castidade não é só a continência sexual, o fim das práticas do prazer solitário e da fornicação, mas a pureza de mente e de coração. A pureza é a principal virtude (do prefixo "*vir*", que também tem na palavra "virilidade") do Homem casto, que precisa antes fugir das ocasiões ("a única guerra que covarde vence é contra a impureza", disse um santo), controlar a curiosidade, o

sentido da visão e do tato, nesta ordem. O sentido do tato é o que está diretamente atrelado à sexualidade e precisa ser mortificado (usar o cilício e outras disciplinas é de extrema ajuda, desde que com autorização do diretor espiritual).

O aspirante à castidade não pode ter momentos de ócio não criativo, de desocupação, necessita estar sempre focado em labores manuais e/ou intelectuais, bem como nunca se encontrar satisfeito e confortável: não comer até a saciedade e dormir somente o imprescindível. O Homem superior, que pratica a castidade, não perde a masculinidade (ser másculo é derramar o sangue, não o sêmen), muito pelo contrário, a pureza viriliza seu caráter, o fazendo ainda mais Homem que aquele que se submete à matéria, pois ganha a maior das batalhas tornando todos os outros mandamentos mais fáceis, economizando tempo e energia para se dedicar mais perfeitamente às outras áreas, se desenvolvendo integralmente, corpo, alma e Espírito.

O maior cuidado que se deve ter é de não se ensoberbecer, pois o casto passa a observar o mundo de cima pra baixo, como que do alto de um pico nevado. Em uma era tão sensualizada, onde tudo é duplo sentido e as relações entre os sexos visam exclusivamente a fornicação seguida do descarte, o continente se sente realmente liberto (ser livre de fato é ter autocontrole) e saudável. Mas, primeiramente, devemos confiar em Deus, nunca em nós mesmos, já que as tentações são diárias.

Foi o amor a Deus e o temor do inferno que fez São Bento resistir aos maus pensamentos pulando sobre espinhos, São Francisco rolando na neve e Santa Clara nunca olhando um homem no rosto. Foi a vontade de união com Deus e o gozo em praticar o ascetismo subjugando a carne, que inspirou os santos a coisas absurdas aos olhos dos Homens sensuais, mas que deveriam ser obrigação de todo aquele que quer ser alguém melhor. Nossa Senhora, sempre virgem (ciente de ser belíssima, ainda assim cobria seus atributos. Foi concebida sem o pecado original, mas se ruborizava com a impudicícia, podendo ter pecado, se quisesse), deve nos inspirar e iluminar com seu exemplo de total entrega a Deus, juntamente com seu castíssimo esposo São José, guardião da Igreja e homem predestinado, pai adotivo, educador e exemplo de masculinidade para Nosso Senhor, o próprio Deus.

---

[1] A vocação do esposo é a de sacerdote do lar; o homem segue a Deus, enquanto a mulher segue o homem. Sem comando, as moças se perdem. Elas estão cada vez mais exigentes, mas sem nada para oferecer, e possuir uma vulva não é *per si* agregador de valor. Mulher tem prazo de validade em relação à beleza, e quando elas percebem isso, depois de ter trocado de parceiros que usaram até enjoar, começam a procurar homens de valor, que tentam cultivar algum tipo de virtude. Porém, um bom homem nunca vai aceitar menos do que merece, preferirá uma moça com inteligência

e bom coração, mesmo sem atrativo físico. O mau-caratismo e a futilidade obscurecem qualquer beleza exterior ("o corpo é embelezando pela beleza da alma." - Sêneca).

A maioria das frequentadoras da Missa "tridentina" vem adotando a modéstia como uma moda, evidentemente a maneira que nos vestimos comunica como queremos ser tratados, é a máxima expressão da nossa personalidade, no entanto a castidade nasce primeiro do coração. Mais preocupadas em exibir roupas de grife, pintar o rosto e exalar perfumes finos, elas ostentam apenas uma "casca" de recato, envernizada com falsa piedade, ocultando sob o véu seus olhares libidinosos.

Não são poucos aqueles que se iludem! O ardil da sedução e da dissimulação é a razão da mulher, ser desejada a faz sentir viva. Esta é a tendência natural mais violenta e ardente que elas devem combater, e a do homem é de não se permitir enganar. Todos sabemos como Adão, Sansão, Salomão e muitíssimos outros se arruinaram. Mulheres de valor não procuram o tal "provedor" (balizar as preferências pela condição financeira, denuncia um baixo parâmetro), mas alguém para admirar e as conduzir. Nós não queremos uma Messalina na cama, mas apenas respeito e paz em um mundo que tanto nos cobra.

Pequena Regra de Vida

"Deus só pode ser alcançado justamente na obscuridade e ausência de sentimentos." (Johannes Tauler)

Esta Regra foi escrita para mim mesmo e para todo aquele que quiser tirar proveito. Encontrando-me no estágio inicial da vida mística, consciente dos meus vícios e limitações, sistematizei alguns ensinamentos mais que básicos para seguir adiante no combate espiritual. Quem inicia nessa via percebe muitos obstáculos a transpor e não demora a entender que não há volta. Tudo muda: visão de mundo, forma de se portar e as relações interpessoais. A sensibilidade aumenta e o gosto se refina.

Mas assim como podemos ser maus e virarmos bons, quem não progride, regride e o oposto acontece, e quanto mais alto subimos, maior e mais rápida é a queda. "Um santo pode cair na lama e uma prostituta pode ascender à luz" (Léon Bloy). A verdade é que quem um dia foi águia, não quer voltar a ser pomba, e a águia precisa frequentemente caçar e rapinar.

"Quanto mais subia
Ofuscava-se-me a vista,
E quão maior a conquista
Mais escuro se fazia;
Mas sendo do amor a lei,
Dei um cego e obscuro salto,
E fui tão alto, tão alto,
Que minha caça alcancei."
(São João da Cruz)

Os modernos nunca entenderão porquê alguém se anula, se destrói, se aniquila e enlouquece por amor ao Cristo. Nunca conceberão porquê alguém ama mais a Deus – para eles um conceito abstrato, um mito opressivo que nos enche de culpa – do que todos aqueles que ele vê e toca, mesmo sendo o parceiro ou o familiar. Aos virtuosos, todos os que combatem e vencem, não há nada mais prazeroso do que subjugar a carne em função do Espírito. Com efeito, nesta breve e humilde Regra, o mais importante não pode ser descrito, está subentendido aos poucos que experimentam a verdadeira felicidade na guerra sem tréguas contra a carne, o mundo e o demônio.

> A felicidade não é justamente aquilo que todos querem, não havendo ninguém que não a queira? Onde a conheceram para assim a desejarem? Onde a viram para amá-la tanto? Que a possuímos, é certo, mas

> não sei de que maneira. Há um modo de possuí-la que nos torna felizes, e há os que são felizes pela esperança de possuí-la. (...) Há uma alegria que não é concedida aos ímpios, mas àqueles que Te servem por puro amor; essa alegria és Tu mesmo, e esta é a felicidade: alegrar-nos em Ti, de Ti e por Ti. É esta a felicidade, e não outra. Quem acredita que exista outra felicidade, persegue uma alegria que não é verdadeira (Santo Agostinho).

Observar os 10 Mandamentos é pré-condição para quem deseja ser cristão. Eles não são unicamente a base do bom convício social e os fundamentos da nossa Civilização, quem viola qualquer dessas leis fica em pecado mortal, devendo repará-lo imediatamente pela Confissão contrita. Ainda que leve (venial), todo pecado é uma desordem, ele é mortal na medida que acarreta a morte da alma; perdendo o estado de graça, as obras do Homem são nulas. "Ai daqueles que morrerem em pecado mortal!" (São Francisco de Assis).

> Grande consolação traz à alma o entender que jamais lhe falta Deus, mesmo quando se achasse (ela) em pecado mortal; quanto mais estará presente naquela que se acha em estado de graça! Que mais queres, ó alma, e que mais buscas fora de ti, se tens dentro de ti tuas riquezas, teus deleites, tua satisfação, tua fartura e teu reino, que é o teu Amado a quem procuras e desejas? Goza-te e alegra-te em teu interior recolhimento com ele,

> pois o tens tão próximo. (...) No entanto, dizes: se está em mim aquele a quem minha alma ama, como não o acho nem o sinto? A causa é estar ele escondido, e não te esconderes também para achá-lo e senti-lo. Quando alguém quer achar um objeto escondido, há de penetrar ocultamente até o fundo do esconderijo onde ele está; e quando o encontra, fica também escondido com o objeto oculto (São João da Cruz).

Na lei mosaica o Homem é afastado do mal e induzido ao bem pelo temor, mas a perfeição só é alcançada com a prática do Sermão da Montanha, a lei do amor, que nos une a Cristo Jesus, nos dando fortaleza para entregarmos nossa vontade a Ele, mesmo sob perseguição e ameaça de morte. Deus acolhe todos aqueles que o amam, se arrependem e se penitenciam pedindo perdão ao Sacerdote (que faz a vez de um *alter Christus*) com a determinação de não pecarem mais, se possível chorando os pecados cometidos e males praticados.

Disse o bondoso Deus para Santa Catarina de Sena:

> Considera estas pessoas, que abandonaram o pecado mortal por causa do temor servil; é necessário que passem ao amor virtuoso. O temor servil, sozinho, não basta para lhes dar a vida eterna. O medo constituía a lei antiga, que eu dei através de Moisés. Ela se baseava no temor, pois o castigo seguia imediatamente à culpa. A lei nova é a do amor e veio com meu Filho; fundamenta-se na

> caridade. A nova lei não cancelou a antiga, mas a aperfeiçoou.

Santo Tomás afirma que "deve-se considerar, entretanto, que entre a lei do temor e a lei do amor são encontradas três diferenças:

A primeira consiste em que a lei do temor faz de seus observantes servos, enquanto que a lei do amor os faz livres. Pois quem opera somente pelo temor opera pelo modo de servo; quem, porém, o faz por amor, o faz por modo livre, ou de filho.

A segunda diferença está em que os observadores da primeira lei eram introduzidos nos bens temporais. Mas os observadores da segunda lei são introduzidos nos bens celestes.

A terceira diferença é que a primeira é pesada. A segunda, porém, é leve.

Na verdade, ninguém tem verdadeira alegria a não ser existindo na caridade."

No diálogo com Santa Catarina, acrescenta Nosso Senhor que

> (...) os que perseveram na oração e nas boas obras, os que na constância progridem na virtude, estes atingirão o amor-amizade. A estes, eu amarei como amigos, pois correspondo com igual afeição. Quem me quer bem como faz um servo com seu patrão, será amado por mim, o Senhor, na mesma

> medida; mas não me manifestarei a ele. Os segredos são revelados aos amigos íntimos somente!

***

Antes da mística, deve-se passar por um processo chamado "ascese", que é a mortificação dos sentidos e a purificação da imaginação. O meio é a radical aniquilação de si mesmo, para o fim último que é a divinização (ou deificação, para os orientais).

Nos adiantados o gozo e o prazer ao orar podem desaparecer, e não é raro serem atacados por tentações e doenças espirituais gravíssimas (por exemplo os escrúpulos). Mas eles sabem que é a alma sendo forjada pelo Pai, como o ferreiro forja a espada ao fogo. Assim sendo, rezemos não para nos sentirmos felizes, mas para guerrearmos em busca da coroa que ganharemos nos Céus, amando a Deus como se fôssemos para o inferno.

Há um perigo no apego em demasia aos sinais sensíveis na oração (bem-estar, arrepios, etc.), que Deus envia aos iniciantes para atraí-los. Devemos perseverar mesmo que acabem esses alívios. São João da Cruz fez uma analogia para explicar o "desmame espiritual", que é quando a mãe coloca algo amargo no seio para desmamar seu nenê. Esses deleites podem cessar e as provações se intensificar. Quando nos aproximamos de Deus apenas pelo que ele causa à nossa sensibilidade, permanecemos imaturos espiritualmente e oprimidos

pelas ciladas do demônio. A mesma consideração sobre os Sacramentos, como a Confissão e a Comunhão, seus efeitos são na alma, ainda que não sintamos.

Muitos entendem isso e avançam, mas estagnam no racionalismo curioso e investigativo da Escolástica (as heresias modernas nascem entre alguns dos seus teólogos) e suas "sumas", predecessoras diretas das enciclopédias iluministas.

Como o animal não consegue conhecer a nossa vida interior, também não conseguimos conhecer a vida interior dos anjos, e nem eles a de Deus. Os próprios "espíritos angélicos, com suas faces veladas, prostram-se trêmulos diante do trono do Criador, cheios de respeito e Santa reverência" (São Carlos Borromeu). Tudo o que alguém tentar imaginar sobre Deus, é uma débil imagem, uma palidíssima noção. Não há como conhecê-Lo diretamente, e nem defini-Lo com qualquer rigor linguístico. Para Plotino, a união com o Uno, que é a Verdade, Bondade e Beleza supremas, se chega apenas pela contemplação da verdade, bondade e beleza manifestadas no mundo.

Santa Teresa d'Ávila chama a imaginação de "louca da casa", ela deve ser purificada, não "educada", como pensam certos entusiastas dos contos de fadas e literatura fantástica. Estamos a todo momento sendo bombardeados por imagens, inclusive da memória e sugeridas pelo demônio (que embora não leia nossos pensamentos, lê nosso comportamento). O imaginário precisa ser povoado com a lembrança da decrepitude

de um cadáver e da morte iminente, da vida e Paixão de Cristo, das 7 Dores de Nossa Senhora, dos feitos dos santos, etc., não com elfos, orcs, plantas animadas e animais falantes.

"O demônio se traveste de anjo de luz" (2Coríntios 11,14), assume a forma que quer e fala o que quiser, e com ele não devemos manter qualquer colóquio, pois sempre perderemos.

***

Começa a Regra:

Além de observar os 10 Mandamentos e praticar o Sermão da Montanha, há 12 requisitos que precisam ser virilmente perseguidos se quisermos ser amigos íntimos de Deus:

1 – O Credo Apostólico nos dá o conhecimento do que devemos crer;

2 – Frequentar os Sacramentos da Santa Madre Igreja Católica na sua forma tradicional. Rezar o Rosário (ou pelo menos o Terço) diariamente, como Nossa Senhora pede em Fátima, com os três Mistérios entregues por ela a São Domingos. Acompanhar o Calendário Litúrgico e comungar todos os domingos e dias de preceito. Colocar os joelhos no chão, em ação de graças, ao acordar, e analisar nossas faltas ao fim do dia antes de deitar (um breve exame de consciência, seguido de um ato de

contrição), já que não há garantia de amanhecermos com vida. "Vigiai, pois não sabeis o dia, nem a hora" (Mateus 25,13);

3 – Não dormir muito: o sono nos faz perder tempo e o descanso excessivo deixa a alma satisfeita. Desconfiar daquele que prega o bem-estar e a satisfação em vez do sacrifício e da violência contra si mesmo. "O sofrimento é o paraíso na Terra" (São Francisco de Assis);

4 – Mortificar a visão: evitar a vã curiosidade, nos afastando dos escândalos e burburinhos do mundo. Desviar imediatamente o olhar do que é impuro e assistir somente ao que for edificante. "Não se deseja o que não se vê" (São Francisco de Sales). Contemplar a beleza da natureza criada e da arte sacra, que é inspirada pelo Espírito Santo. É belo e bom tudo o que se aproxima da Verdade, e, ao contrário do que dizem os modernos, que todos os caminhos estão certos, todos os caminhos estão errados, exceto um. Só reconhece a feiura e a maldade quem, com um mínimo de senso estético e de proporção, sabe o que é belo e bom. O monstruoso e o disforme causam repulsa ao Homem virtuoso. Também rejeitar literatura proibida, principalmente esotérica e Filosofia alemã. Os melhores livros serão sempre a Bíblia Sagrada (os Livros Sapienciais, os Evangelhos de São Mateus e São João, e as cartas de São Paulo), o Imitação de Cristo, o Catecismo de São Pio X e de São Roberto Belarmino, um Devocionário, o Missal, e a vida e escritos do santo de devoção;

5 – Mortificar o tato: ele está atrelado diretamente à potência sexual. Evitar a sensualidade agindo com modéstia e discrição, sem querer ser desejado. Como cavaleiros de Cristo, entendemos que o corpo é o cavalo e a alma é o cavaleiro; dominemos, pois, a besta com rédea curta. "O Espírito do senhor quer que a carne seja mortificada e desprezada, vil e abjeta." "E tenhamos ódio aos nosso corpo com seus vícios e pecados" (São Francisco de Assis);

6 – Mortificar o paladar: enquanto alguns passam fome, outros preferem comer até vomitar. Não comer até a saciedade e se envergonhar caso assim proceder. Como o sexo é para a reprodução, o alimento é para nutrir o corpo e não devemos ser glutões como os animais. A alimentação duas vezes ao dia é mais que suficiente, evitando o excesso de carne vermelha e doces. Nunca recusando o que nos for servido, embora fazendo abstinência de animais de sangue quente todas as sextas-feiras do ano. O jejum purifica o corpo, limpa a mente e agrada a Deus, e deve ser feito às quartas, sextas e no período das Têmporas (igualmente optando voluntariamente por pequenos incômodos). Também controlar a língua, pois a boca fala do que o coração está cheio. Como diz na carta de São Tiago (3,8-10): "a mesma boca abençoa e amaldiçoa". Domamos animais ferozes e peçonhentos, mas não conseguimos colocar trava na língua, que é o maior meio de cometer injustiças. "No silêncio, até o estulto se passa por sábio" (Provérbios 17,28). "Os murmuradores e detratores

são odiosos para Deus" (São Francisco de Assis). "Palavra ociosa é a proferida sem necessidade pra quem fala e sem utilidade pra quem ouve". "De ter falado muitas vezes me arrependi, de ter calado, nunca." "Tardança em falar, prontidão em obedecer" (São Boaventura). Nosso discurso deve ser coerente com nossos atos, e convencermos a nós mesmos, antes de convencer o próximo. Ser alegre e bem-humorado (mesmo nas adversidades) não significa rir e fazer rir a todo tempo, como os jovens, as mulheres vulgares e os palhaços;

7 – Mortificar a audição: o silêncio é a mais perfeita música. Não sendo possível o silêncio absoluto, preferir os sons baixos e agradáveis como o canto dos pássaros e chirriar dos grilos na natureza. Nunca escutar músicas agitadas e rítmicas (dando preferência aos cantos religiosos, música litúrgica, polifônica e erudita em geral). Deus não habita onde há agitação;

8 – Mortificar o olfato: não querer sempre sentir cheiros agradáveis ou se banhar de perfume como fazem as prostitutas. "Renuncia a todos os vãos perfumes, sejam quais forem; suporta, antes, de boa vontade, o mau cheiro que reina em geral nos quartos dos doentes. Imita o exemplo dos Santos que, animados pelo espírito de caridade e mortificação, sentiam tanto gosto no ar corrompido das enfermarias, como se estivessem em jardins de flores odoríferas" (Santo Afonso Maria de Ligório);

9 – Regrar as paixões e controlar os vícios capitais: as paixões, assim como o prazer, não são condenáveis,

desde que em concordância com o uso da razão e que convenham à natureza.

> Ninguém pode viver sem algum prazer sensível e corporal, porém nas coisas morais há um prazer que é bom, pelo fato de que o apetite superior ou inferior repousa no que convém à razão (Santo Tomás).

Nossas paixões devem ser ordenadas pela prudência (a rainha das virtudes); por exemplo a raiva, que ninguém negaria ser lícito usá-la para corrigir uma injustiça – vide Nosso Senhor chicoteando os vendilhões do templo. Quem é muito bom, torna-se tolo, ou muito corajoso, torna-se suicida.

> Sendo as paixões muito fortes, podem inclusive obscurecer ou obstaculizar o livre arbítrio da vontade. Mas as paixões não são, em si mesmas, algo bom ou mal, mas naturais, pois são disposições que devem favorecer a inclinação do homem, por seus atos, ao bem de sua natureza e ao fim último a que se inclina, mediante os bens particulares que se lhe disponham a vida (Santo Tomás).

Sobre os vícios capitais (chamam-se capitais porque são como que a cabeça, a fonte de todos os pecados), devemos contrapô-los com as virtudes contrárias: a castidade (pureza) contra a luxúria, a caridade (generosidade) contra a avareza, a temperança (moderação)

contra a gula, a diligência (persistência) contra a preguiça, a paciência (serenidade) contra a ira, a bondade (compaixão) contra a inveja, e a humildade (modéstia) contra a vaidade;

10 – Direcionar o intelecto à Suma Verdade: pode-se estudar a Física, a Metafísica e a Teologia, desde que não nos esqueçamos do reto agir, fazendo tudo pela glória de Deus. E não nos ensoberbeçamos com o conhecimento adquirido, pois Lúcifer, por ter sido um anjo, sabe mais das coisas de Deus do que nós (inclusive tentou Nosso Senhor no deserto usando as Escrituras). Sejamos católicos do tutano do osso até às últimas fibras da alma, vivendo e falando catolicamente. Deus mostra às pessoas sem instrução aquilo que esconde dos sábios e instruídos. A inteligência, a beleza ou a riqueza foram-nos emprestadas por Deus, a quem deveremos prestar contas, e sermos punidos caso mal empregadas; nossos são somente o pecado, a ignorância e tudo quanto é mau e defeituoso;

11 – Identificar a própria vontade, com a vontade de Deus: eis a maior oferenda que podemos fazer em vida! O inferno está cheio de quem fez a própria vontade. A submissão à Deus é mais importante que a fé e as obras. Saber ouvir e obedecer ao confessor e ao diretor espiritual. Praticar heroicamente as virtudes da humildade, obediência, bondade, paciência, mansidão, sem esquecer de antes ser justo e equânime. "São amigos

os que injustamente nos causam tribulações e angústias, vergonhas e injúrias, dores e tormentos, martírio e morte, aos quais devemos amar muito, porque temos a vida eterna por aquilo que nos causam" (São Francisco de Assis). "Que não reine em ti, nem nos sentidos, nem na vontade, nem no afeto, desejo pelas coisas terrenas." (São Boaventura).

12 – Ser manso: "é quase impossível praticar a mansidão sem a humildade. (...) Para ser manso é preciso um certo domínio de si mesmo que previne e modera os movimentos da cólera; suportar os defeitos do próximo, que exige paciência; e o perdão das injúrias e a benevolência para com todos, até para com os inimigos. (...) A mansidão pratica-se para com o próximo, mas também para conosco, bem como para com os seres animados e inanimados. (...) A máxima utilidade da mansidão é fazer reinar a paz na alma, paz com Deus, com o próximo e conosco: com Deus, porque nos faz aceitar os acontecimentos com paz e serenidade; com o próximo, porque nos faz suportar seus defeitos; para conosco, quando cometemos uma falta e não nos impacientamos nem irritamos" (Adolphe Tanquerey).

***

"A história narra-nos um caso de um amor tão prodigioso que será a admiração de todos os séculos. Havia um rei, senhor de muitos reinos, que tinha um único filho, tão belo, tão santo, tão amável, que, sendo

o encanto do seu pai, este o amava como a si mesmo. Ora, este príncipe se afeiçoou grandemente a um escravo e tendo este cometido um delito, pelo qual fora condenado à morte, o príncipe se ofereceu a morrer por ele. O pai, amante apaixonado da justiça, resolveu condenar seu amado filho à morte, para livrar o escravo do castigo merecido. E assim aconteceu: o filho morreu justiçado e o escravo ficou livre. Este caso, que uma só vez se deu e nunca mais se repetirá no mundo, está consignado nos santos evangelhos, onde se lê que o Filho de Deus, o Senhor do universo, vendo o homem condenado à morte eterna por causa do pecado, quis tomar a natureza humana e pagar com sua morte a pena devida pelo homem. 'Foi oferecido porque ele mesmo o quis' (Is 53,7). E o Eterno Pai o fez morrer na cruz para nos salvar a nós, míseros pecadores. 'Não poupou a seu próprio Filho, mas o entregou por nós todos' (Rm 8,32).

A soberba foi a causa do pecado de Adão e, por conseguinte, a ruína do gênero humano; por isso veio Jesus Cristo e quis reparar esse desastre com sua humildade, não desdenhando abraçar a confusão de todos os opróbrios que lhe prepararam seus inimigos, como já predissera Davi: 'Porque por vossa causa suportei o opróbrio e a vergonha cobriu a minha face' (Sl 68,8). A vida inteira de vosso Redentor foi cheia de confusão e desprezos que recebeu dos homens, e ele não recusou suportá-los até à morte, a fim de nos livrar da confusão eterna: 'Tendo-lhe sido oferecido o gozo, sofreu a cruz,

desprezando a ignomínia.' (Hb 12,2)" (Santo Afonso Maria de Ligório).

Meditemos atentamente o exemplo deixado pela Paixão de Nosso Senhor: desde o momento da Sua agonia no Horto das Oliveiras, suando sangue, pelo o que Lhe esperava e estava prestes a ocorrer; ao receber Judas com os fariseus, chamando-o de "amigo" mesmo sabendo que naquele momento Lhe trairia com um beijo; passando por Seu linchamento, com os xingamentos, cusparadas, socos e chutes recebidos; os açoites quando atado à uma coluna, sem proferir um único "ai"; a ridicularização pública com uma coroa de espinhos e tapas na cara; Seu corpo completamente chagado, com sede, fome, sono e todos os sofrimentos d'Ele e as dores de Sua Mãe (que, ao dar o seu *Fiat* na Anunciação do Arcanjo, já consentia no Sacrifício de seu Divino Filho, cooperando na nossa Redenção e mediando todas as Graças) ao presenciar tudo aquilo sem nada poder fazer, ainda que consciente da importância desse tremendo acontecimento; até à Sua morte gloriosa, depois de carregar o peso da Cruz que não era d'Ele. Cada pecado nosso deliberado é mais um prego cravado em Seu pulso e espinho em Sua testa.

Ele que é o Senhor dos senhores, o Criador de tudo, e veio para nos servir; ainda que inocente, foi por nós assim tratado. E em pensar que o homenzeco, se dando tanta importância, tão cheio si e vontade própria, com sua soberba luciferiana, troca a Vida Eterna pela reputação

e fama entre os insensatos e celerados, pelo luxo e conforto deste mundo de ilusão, a dignidade por um pequeno punhado do vil metal, reduzido à uma condição pior que a do mais abjeto verme.

"O sangue dos mártires é a semente de novos cristãos" (Tertuliano), um autêntico discípulo do Mestre não espera ser melhor acolhido do que Ele pela humanidade caída no pecado. Nenhum esforço ficará sem mérito, a recompensa para quem perseverar até o fim será a cidadania do Reino dos Céus, nossa consolação até à Consumação dos Séculos.

> O Filho de Deus foi crucificado: não me envergonho, uma vez que deveria me envergonhar. O filho de Deus também foi morto: é sem dúvida crível, pois se trata de uma coisa tola. E depois de ser sepultado ressuscitou: é uma coisa certa porque é uma coisa impossível (Tertuliano).

Não há outro caminho para a Visão Beatífica que imitar o Homem mais perfeito que habitou a Terra, Criador que se rebaixou experienciando viver 33 anos entre suas amadas criaturas na matéria, no espaço e no tempo. Com o *Verbum* ensanguentado na Cruz, escreveu-se o maldito poema, escândalo para os judeus e loucura para os protestantes.

Oração Diante do Crucifixo (Para a Sexta-feira Santa)

Eis-me aqui, diante de ti agonizante, ao lado do teu casto discípulo amado e de tua Mãe. Confesso, antes de tudo, minha pobreza, pois nada quero, nada sei e nada tenho.

Agradeço por tudo, porque do nada que tenho, tenho mais do que quero, do que preciso e do que mereço. Obrigado por teres me dado a vida, para gozar da existência; uma segunda chance, para conhecer a Verdade; e também pelos anjos encarnados que colocaste em minha senda.

Perfeitíssimo Homem e perfeitíssimo Deus, és "o Caminho, a Verdade e a Vida; ninguém vai ao Pai, senão por ti" (João 14,6). E "quem não está contigo, está contra ti" (Mateus 12,30).

Pouco te peço, "pois não faço o bem que quero, mas o mal que não quero" (Romanos 7,15-20), apenas que me inspires a ser cada vez mais fanático e violento, como exiges de teus servos.

Senhor,

Quem como tu, ó fonte primeva? Homem algum é digno de mencionar-te!

Quero amar-te como me amas, ó ser eterno e imutável! O Ser acima de tudo o que é e existe; de resto, tudo mais é contingente.

Para conhecer-te é preciso ter fé, e para ter fé é necessário querer. Que minha faculdade volitiva identifique-se com teus anseios.

Por ti, Divindade oculta, desejo aniquilar-me até à loucura. Não desperdiçarei meu amor, nem meu ódio, com nada que não seja útil à minha Salvação.

Faço o meu Céu no prazer em pelejar, que nunca abranda em meu coração. Que a guerra e a Religião sejam a minha obsessão. Que os ícones e as iluminuras sejam o meu deleite. Que nunca sejam ao progresso minhas odes.

Venenosa e viciosa é a virtude do amor proclamada pelo homem-símio neomoderno. E a paz pregada não como o meio para alcançar a ordem, mas como fim último.

Neste universo sublunar, não há um único justo em que as mãos nunca pecaram contra a pureza. Aumenta, Senhor, minhas virtudes, como a castidade dos meus membros; é melhor morrer, que pecar mortalmente!

Prometo castigar meu corpo, que se rebela contra o meu Espírito, e para o qual é doce praticar o pecado.

Que minha vista, meu tato, minha audição, meu gosto, meu olfato sejam mortificados. A maior virtude é dar tudo a ti e nada a criatura alguma.

Todo meu esforço está no não-saber, praticando a douta ignorância, visando a mais alta união da mente com o amado Pai. Procuro o desapego e o esquecimento de todo ente criado, sem deixar de admirar teus vestígios na natureza.

Quero louvar-te em meus atos, palavras e trovas. Que minha mente e coração almejem unicamente aquele conhecimento escondido em tuas trevas luminosas.

Imploro, ó Doçura da minha alma, que me mostres como alcançar a união santificante, onde a memória esquece, a imaginação sossega, o intelecto desconhece.

Antes da união mística, subindo aos poucos os degraus da Escada de Jacó, devo desconfiar da imaginação, que é sempre atacada por memórias e imagens, mesmo as mais deleitosas, como as de anjos nos Céus.

Vire, Senhor dos senhores, para mim tua face, dando-me a paz, onde eu possa suspirar por tua bondade. A paz de uma alma em êxtase que, após se recolher ao alto do monte, tenta saborear teus mistérios que estão além de toda imagem.

A boda com a Santíssima Trindade (acima, fora e dentro de mim) é a meta a alcançar com impetuosidade através de uma ascensão erótica contigo, que é o Noivo da minha alma.

A introspecção é a fonte mais nobre de conhecimento da Verdade, pois é quando o sujeito se confunde com o objeto. E compete ao contemplativo achar o fundo da alma, onde se esconde a Trindade.

Bem-aventurados os que desprezam e correm ao deserto! Solitariamente caminho por esta Terra desolada, sem pecúnia nem alforje, entre mortos-vagantes embrutecidos pelo amor-próprio.

Minha delícia é carregar tua Cruz, embora caia sempre, porém, como tu mesmo na Via Sacra, não deixo de levantar-me, confessando a ti minhas fraquezas, como miserável descendente da espécie de Adão, neste mundo que me causa náuseas.

Perdão por diariamente ofender a ti e tua Mãe. Ela que é vida e esperança nossa nos derradeiros instantes. Mãe de Misericórdia, sem a mácula do pecado, desde a concepção no ventre de Sant'Ana.

Bebo teu sangue, como tua carne, beijo tuas feridas, mesmo me achando indigno e abjeto.

Sei que nestes tempos findos, quase não há Sacerdotes piedosos, e receber a benção de um herege é uma maldição. Ensinaste a São Francisco de Assis que os leigos salvarão a tua Igreja, de teus ministros corrompidos ("cloacas de impureza", disse tua mãe em La Salette).

Quando voltares serão os teus Presbíteros e purpurados os mais duramente castigados. Ó, Justiça

suprema, que momento terrível para aqueles que não se arrependerem a tempo!

Creio e confio que em dois dias ressuscitarás e voltarás ao Pai em carne e Espírito, e muito em breve serei chamado para perto de ti, depois de pregar e sofrer como Paulo, e contemplar teus mistérios como João, para desfrutar da Visão Beatífica. Porque esta vida é célere, por isto, enquanto aqui, prefiro o combate à morte eterna, nem que eu sofra o martírio de Estevão.

Aprendi com São Leonardo de Porto Maurício que pequeno é o número daqueles que se salvam. Nem aos Papas há garantia de Vida Eterna; e quantos no inferno não blasfemam contra ti, por acharem ter levado uma existência santa? O destino da minha alma somente tu o sabes, Senhor, mas que eu, iluminado pelo Pai Seráfico, com constância persevere até o fim.

Livrai-me, enfim, dos meus inimigos (a carne, o mundo e o demônio), lavai-me com teu sangue, e que eu seja, já deificado, espelho da tua luz não criada.

Amém!